

Universidade de Lisboa



**Imagens de Augusto em Virgílio e Horácio:
Análise de textos e sua receção na literatura portuguesa**

Vera Lúcia Luís Rodrigues

Relatório de prática de ensino supervisionada

**Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

2015

Universidade de Lisboa



**Imagens de Augusto em Virgílio e Horácio:
Análise de textos e sua receção na literatura portuguesa**

Vera Lúcia Luís Rodrigues

**Relatório de prática de ensino supervisionada orientado pela
Professora Doutora Cristina Abranches Guerreiro**

**Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

2015

NEMO
SINE GRAECIS LATINISQUE LITTERIS
SOLIDAM SIBI DOCTRINAM
ADROGET

F. R. Gonçalves, *Euphrosyne*, nova série,
vol. V, 1972, p. 553.

*Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra tingitana,
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.*

Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, est. 33.

Agradecimentos

Termina, assim, uma caminhada longa e difícil. *Os caminhos fazem-se ao andar*; por isso, esta caminhada não começa, nem termina aqui. Obter esta especialização é um começo e estou muito grata a todos aqueles que caminharam comigo.

À Professora Doutora Cristina Abranches Guerreiro, orientadora deste trabalho, pela sua generosa paciência e pelos seus sábios conselhos. Pela forma genuína com que sempre me conduziu pelos caminhos do ensino não só das Línguas Clássicas, mas também do Português, pela sua compreensão e pela sua indispensável ajuda ao longo do meu percurso universitário.

À Escola Secundária de Camões, escola cooperante, agradeço o acolhimento e a possibilidade de estágio.

À Dr.^a Rosa Costa, professora cooperante, por me ter acolhido e dado espaço para aplicar o meu trabalho.

À turma de Latim do 12º ano de escolaridade por me ter permitido experienciar e desenvolver a prática docente de que resultou este relatório.

Agradeço, sobretudo, à minha avó, *in memoria*, por continuar presente em todas as linhas deste trabalho, por nunca me faltar, nem antes, nem depois; por me ter trazido, como melhor soube, até aqui.

À minha família, por aquilo de que abdicou para que eu pudesse conquistar esta meta. Por serem o princípio e o fim, por serem as estruturas que sustentam a minha vida.

Ao meu melhor amigo, Filipe Lopes, e à minha melhor amiga, Teresa Fortalezas, por serem mais do que amigos, por serem a família que eu pude escolher.

Aos restantes colegas e amigos que percorreram comigo um longo caminho, por terem sido sempre sábios ouvintes e conselheiros.

A todos, o meu mais sincero obrigada!

Índice geral

Índice de ilustrações, figuras e gráficos.....	xi
Resumo.....	xiii
Abstract.....	xv
1. Enquadramento curricular e didático	4
1.1. O século de Augusto.....	6
1.2. As <i>Bucólicas</i> I e IV de Virgílio	8
1.3. O <i>Carmen Saeculare</i> de Horácio.....	10
1.4. Notas sobre a receção dos textos latinos estudados, na literatura portuguesa.....	11
1.4.1. Vasco Fernandes de Lucena.....	11
1.4.2. Henrique Caiado.....	12
1.4.3. Sá de Miranda.....	13
1.4.4. Diogo Bernardes.....	14
1.4.5. Domingos dos Reis Quita	15
1.4.6. Bocage.....	16
1.4.7. D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna.....	17
1.4.8. M. S. Lourenço	19
1.4.9. Referências Clássicas em Ricardo Reis.....	20
2. Descrição da unidade didática	22
2.1. Quadro síntese da unidade didática.....	22
2.2. Descrição sumária das aulas	23
2.2.1. Aula 1	23
2.2.2. Aula 2	24
2.2.3. Aula 3	25
2.2.4. Aula 4	26
2.2.5. Aula 5	26
2.2.6. Aula 6	29
2.3. Descrição dos materiais	30
3. Instrumentos e procedimentos de avaliação	32
4. Apresentação e análise dos resultados do exercício de avaliação final	36

4.1. Resultados por questão	36
4.1.1. Questão 1	36
4.1.2. Questão 2	37
4.1.3. Questão 3	39
4.2. Resultados por áreas.....	40
4.3. Resultados globais do exercício de avaliação	41
5. Considerações finais	44
Bibliografia.....	48
1. Textos.....	48
1.1. Edições e traduções de Horácio	48
1.2. Edições e traduções de Virgílio.....	48
1.3. Outros textos latinos	48
1.4. Edições de autores portugueses	49
2. Estudos de Literatura e Cultura Romana	50
3. Estudos de Literatura e Cultura Portuguesa.....	50
4. Obras sobre didática Geral.....	51
5. Obras sobre didática do Latim	51
6. Gramáticas de Latim.....	52
7. Dicionários.....	52
8. Manuais para o 12º ano	53
9. Materiais pedagógicos.....	53
10. Documento normativos.....	53
ANEXOS.....	54
ANEXO 1	55
ANEXO 2	59
ANEXO 3	65
ANEXO 4	85
ANEXO 5	100
ANEXO 6	112
ANEXO 6	123

Índice de ilustrações, figuras e gráficos

Figura 1 – Estrutura da unidade didática	5
Ilustração 1 – <i>A Golden Thread</i> (1885).....	24
Ilustração 2 – <i>Caronte</i>	27
Ilustração 3 – <i>Orfeu e Eurídice</i>	27
Ilustração 4 – <i>Orfeu diante de Plutão e Prosérpina</i>	27
Ilustração 5 – <i>Flora, Deusa das flores</i>	28
Ilustração 6 – <i>Febo e as Horas</i>	28
Figura 2 – Esquema do ciclo de ensino, segundo Carrilho Ribeiro	32
Tabela 1 – Resultados obtidos na questão 1	36
Gráfico 1 – Resultados obtidos na questão 1.....	37
Tabela 2 – Resultados obtidos na questão 2.....	38
Gráfico 2 – Resultados obtidos na questão 2.....	39
Tabela 3 – Resultados obtidos na questão 3.....	39
Gráfico 3 – Resultados obtidos na questão 3.....	40
Tabela 4 – Resultados globais.....	41
Gráfico 4 – Resultados globais.....	41

Resumo

Este relatório de prática de ensino supervisionada visa documentar todo o trabalho de conceção e aplicação de uma unidade didática numa turma de Latim do 12º ano, da área de Línguas e Humanidades, da Escola Secundária de Camões, localizada em Lisboa, no 1º período do ano letivo 2014/2015.

De acordo com as finalidades e os objetivos da disciplina de Latim B, esta unidade didática versa sobre a temática “*O Século de Augusto*”, valorizando, essencialmente, a cultura, sem menosprezar a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos gramaticais apreendidos nos dois primeiros anos de estudo do latim.

De entre os textos literários sugeridos pelo programa, o *Carmen Saeculare* de Horácio e as *Bucólicas I e IV* de Virgílio foram os poemas escolhidos pela sua representatividade no século de Augusto.

Além da análise e da tradução de alguns excertos, foi proposta aos alunos a leitura integral em tradução das referidas obras, com o objetivo de procurar enquadrá-las no século em que foram produzidas. Esta leitura permitiu reconhecer a receção destes textos latinos em autores portugueses (Vasco Fernandes de Lucena, Henrique Caiado, Diogo Bernardes, Sá de Miranda, Domingos dos Reis Quita, Bocage, D. Leonor de Almeida/ Marquesa de Alorna, Ricardo Reis e Manuel dos Santos Lourenço).

Com este trabalho pretendeu-se *contribuir para o alargamento do saber e da cultura pelo contacto directo com textos latinos de valor intemporal*¹ e comprovar a presença destes autores latinos na literatura portuguesa.

Palavras-chave: Século de Augusto; Virgílio; *Bucólicas*; Horácio; *Carmen Saeculare*; bucólicos portugueses; classicismos; didática do latim.

¹ Ministério da Educação / Direção Geral do Ensino Básico e Secundário (2002). *Programa de Latim B 12.º ano, Curso científico-humanístico de Línguas e Literaturas*, Lisboa, ME/DGEBS.

Abstract

This supervised teaching practice report aims to document all the work of design and implementation of a teaching unit in a Latin class of the 12th year, in the area of Languages and Humanities, at the Secondary School of Camoes, located in Lisbon, in the 1st period of the school year 2014/2015.

According to the aims and objectives of the discipline of Latin B, this teaching unit deals with the theme "The Augustus Century", emphasizing essentially the culture, without ignoring the consolidation and deepening of grammatical knowledge acquired in the first two years of study (Latin A).

Among the literary texts suggested by the program, Horace's *Carmen Saeculare* and Virgil's Eclogues I and IV were chosen for their representation in the Augustan century.

Besides the analysis and translation of some excerpts, the students also read the full translation of these works, with the objective of seeking to fit them in the century in which they were produced. This reading allowed to acknowledge the influence of these Latin texts in Portuguese authors (Vasco Fernandes de Lucena, Henrique Caiado, Diogo Bernardes, Sá de Miranda, Domingos dos Reis Quita, Bocage, Leonor de Almeida / Marchioness of Alorna, Ricardo Reis and Manuel dos Santos Lourenço).

This work was intended to *contribute to the extension of knowledge and culture by direct contact with Latin texts of timeless value* and to recognize the presence of these Latin authors in Portuguese literature.

Keywords: Augustus Century; Virgil; Eclogues; Horace; *Carmen Saeculare*; Portuguese bucolic; classicism; Latin language didactics .

Introdução

Este trabalho foi concebido e desenvolvido na disciplina de Iniciação à Prática Profissional IV – Latim no ano letivo 2014/2015 e foi aplicado numa turma de 12º ano de Latim B da Escola Secundária de Camões, localizada em Lisboa.

Lecionada a partir de meados de novembro no âmbito da 1ª unidade do programa de Latim B (intitulado “*O Homem Romano – o sentimento de si e do mundo – século I a.C. / século II d.C.*”), a intervenção didática teve como objetivo estudar a imagem de Augusto em textos de Virgílio e Horácio, mas, também, observar a receção desses textos na literatura portuguesa. As *Bucólicas I e IV* de Virgílio e o *Carmen Saeculare* de Horácio foram definidos pela professora cooperante para esta altura do 1º período.

Em conjunto com o desafio de contextualizar e interpretar os poemas escolhidos à luz do século em que foram produzidos, e de desenvolver e aprofundar a língua latina, também se procurou nesta intervenção didática cumprir dois grandes objetivos do programa da disciplina: *Verificar a influência da literatura latina na literatura portuguesa e Reconhecer a permanência de categorias literárias pelo confronto com a literatura portuguesa*². Procurou-se ainda atingir uma importante finalidade do programa de Latim B: *Contribuir para o alargamento do saber e da cultura pelo contacto directo com textos latinos de valor intemporal*³. Valorizados na conceção e aplicação da unidade didática, estes requisitos do programa são, igualmente, razões de motivação e empenho no complexo trabalho de ensinar latim nos dias de hoje.

O programa de Latim B, no 12º ano, propicia uma abordagem cultural e histórica que nem sempre é possível nos dois anos anteriores (centrados na preparação para o exame final, em que as questões de língua correspondem a 80% da cotação) e permite aprofundar a reflexão sobre a literatura latina e sobre a sua herança em autores portugueses.

² Ministério da Educação / Direção Geral do Ensino Básico e Secundário (2002). *Programa de Latim B 12.º ano, Curso científico – humanístico de Línguas e Literaturas*, Lisboa, ME/DGEBS.

³ Idem.

O presente relatório pretende documentar todo o trabalho realizado, bem como apresentar as escolhas pedagógicas adotadas, enquadradas numa reflexão que contribua para o ensino do latim.

1. Enquadramento curricular e didático

A intervenção didática realizou-se no primeiro período do ano letivo 2014/2015, na Escola Secundária de Camões, numa turma de 12º ano da área de Línguas e Humanidades, composta por três alunos que escolheram Latim como disciplina de opção. Dois deles obtiveram classificações significativas no exame de 11º ano (18,2 valores e 14,1) e, no final do ano letivo anterior, manifestaram o desejo de frequentar a disciplina de Latim B. Expuseram-no por escrito à direção da escola, que aceitou abrir essa opção, na sequência do Latim A, embora com um número reduzido de alunos. Com um século de história (por onde passaram, entre estudantes e professores, avultados nomes da cultura, como Mário de Sá-Carneiro, Vergílio Ferreira e Aquilino Ribeiro, entre outros), a Escola Secundária de Camões é, na zona de Lisboa, o único estabelecimento de ensino público que continua a oferecer a possibilidade de estudar latim. No ano letivo 2014/2015, dois docentes lecionaram três turmas da disciplina, correspondentes aos três anos do Ensino Secundário.

A unidade didática lecionada foi desenvolvida em seis aulas de noventa minutos, ocorridas entre 17 de novembro e 12 de janeiro. Com base nos conteúdos programáticos de Latim B, a professora titular da turma solicitou à mestranda que trabalhasse na sua unidade didática as *Bucólicas I e IV* de Virgílio e o *Carmen Saeculare* de Horácio.

Até então, tinham sido abordados aspetos de cultura relacionados com o período de governação de Augusto e a turma tinha analisado alguns trechos da *Eneida*. Na sequência da leitura de passos da epopeia virgiliana, a mestranda iniciou a sua intervenção pelas *Bucólicas*, para que existisse continuidade relativamente aos textos trabalhados pela professora cooperante.

Após a análise e tradução de breves trechos, selecionados tendo em conta os aspetos culturais mais relevantes, os alunos leram integralmente (em tradução) os poemas de Virgílio e de Horácio propostos e contactaram com a sua receção em autores portugueses.

A intervenção didática apresenta a seguinte estrutura: **Fase I** - diagnóstico, **Fase II** – *Bucólicas I e IV* de Virgílio, **Fase III** – bucólicos

portugueses, **Fase IV** – *Carmen Saeculare* de Horácio, **Fase V** – poesia de Ricardo Reis e **Fase VI** - avaliação final.

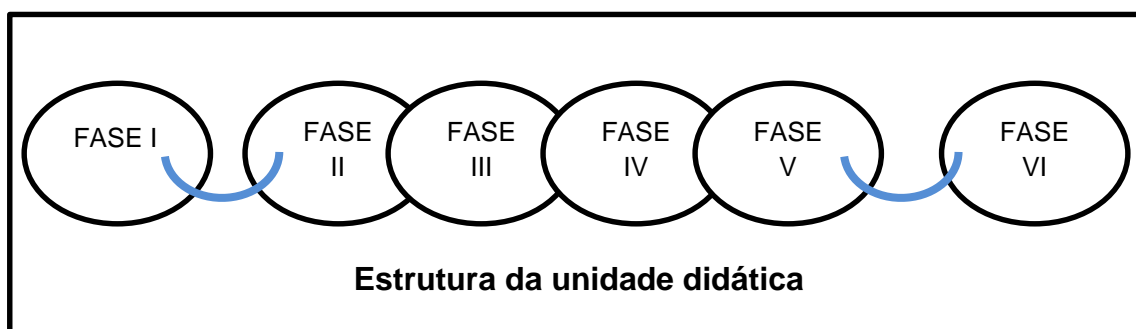


Figura 1 - Estrutura da unidade didática

A unidade didática iniciou-se com uma ficha de diagnóstico (sobre conhecimentos de língua e cultura) - **Fase I**. Em seguida, foram apresentadas as *Bucólicas I e IV* de Virgílio - **Fase II** (que teve por objetivo analisar e traduzir os excertos escolhidos, rever alguns conteúdos gramaticais e fazer a leitura integral dos dois poemas). A **fase III** representa o contacto com textos portugueses que permitiram observar a receção dos textos latinos estudados na literatura portuguesa. As **Fases IV e V** reiteram o mesmo procedimento relativamente ao texto de Horácio. Por último, a **fase VI** é o momento da avaliação final, em que foi possível aferir a eficácia desta intervenção didática tendo em conta os conteúdos trabalhados.

Os autores escolhidos, como referido anteriormente, vêm sugeridos no programa de Latim B e são representativos do século de Augusto, porque neles se espelha a ideologia da época, ou seja, toda a importância e magnificência do Imperador.

Com recurso aos textos propostos e aos materiais concebidos, pretendeu-se motivar a turma para a reflexão sobre este período áureo da literatura latina. À partida, pela indicação dada pela professora cooperante, a mestrande sabia que pelo menos dois dos três alunos se iriam mostrar bastante curiosos e atentos, contexto que a motivou para a conceção dos materiais e para as escolhas pedagógicas a adotar.

1.1. O século de Augusto

Augusto nasceu no ano 63 a.C. com o nome de Gaio Octávio Turino. Pertencia a uma família burguesa e o seu avô era um banqueiro rico. O seu pai, Gaio Octávio, morreu ainda jovem em 58 a.C.; César acabou por desposar a mãe de Augusto e em 45 a.C. Augusto é adotado por César, recebendo o nome oficial de G. Júlio César Octaviano e tornando-se seu herdeiro.

No ano de 27 a.C., o nome de *Augustus* foi proposto pelo Senado. Como sublinha M. H. Rocha Pereira⁴, este título é *uma palavra do vocábulo religioso que singularizava [Augusto] acima dos homens*: o termo não era novo para os Romanos, sendo aplicado a objetos ou lugares consagrados pelos áugures e que evocavam um guia venerado.

Augusto é uma das figuras mais influentes e controversas da História⁵. Governou durante 57 anos e tornou-se o *princeps senatus* depois de ver o seu poder consagrado após a morte de Marco António em 43 a.C.. Instaurou a *Pax Romana* e nos últimos tempos do seu principado, como sublinha Tácito (*Anais* I, 3, 7) *havia paz interna, os magistrados conservavam as suas designações; os mais novos tinham nascido depois da vitória de Áccio, e mesmo os mais velhos, na maior parte, só eram do tempo das guerras civis; quem era ainda do tempo da república?*⁶. Um escudo de ouro, consagrado pelo Senado e exposto na Cúria, celebrava as qualidades de Augusto: a *virtus*, a *clementia*, a *iustitia* e a *pietas*. Restabeleceu o prestígio do senado, tendo, no entanto, reduzido a sua composição para 600 membros e tendo-lhe retirado poderes. Restaurou os cultos antigos, acreditando no respeito pelo sagrado; criou a guarda pretória, os serviços públicos, o ensino especializado em direito e incentivou a criação literária – autores como Virgílio e Horácio marcaram profundamente a literatura deste período.

Como forma de honrar a figura de Augusto, o senado decidiu, após a sua morte, designar todo o período desde o seu nascimento até à sua morte (63 a.C. - 14 d.C.) como *Saeculum Augustum*. A célebre inscrição conhecida

⁴ M. H. R. Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II – *Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 231.

⁵ Idem, p. 225.

⁶ Idem, p. 231.

por *Res Gestae Divi Augusti* é uma espécie de testamento espiritual e político⁷ escrito por Augusto, em que ele exalta a dignidade de todos os seus feitos enquanto imperador de Roma. Orgulha-se de ter fechado por três vezes o templo de Jano – ato apenas praticado quando a paz se encontrava restabelecida. A expressão artística também floresceu com o contributo do imperador, que mandou não só construir a *Ara Pacis Augustae* e novos templos, mas também restaurou o teatro de Pompeio e oitenta e dois templos, impulsionando o crescimento da *urbs* através da reconstrução de vias, pontes, aquedutos e outras obras do domínio público.

O desenvolvimento arquitetónico da cidade foi acompanhado pelo florescimento literário, que culminou numa época de ouro nas letras. Os maiores poetas procuraram celebrar a figura de Augusto por entenderem a sua representatividade.

Como patrono desses poetas, Mecenas tem uma importância reconhecida e *secunda admiravelmente a política de Augusto*⁸. No círculo de Mecenas, Virgílio e Horácio louvam o imperador sem qualquer reserva. O Mantuano promete no prólogo do livro III das *Geórgicas* que há de erigir simbolicamente um templo em sua honra; Horácio chama-lhe “*pater atque princeps*”⁹ e dispõe-se inebriado a honrá-lo com o seu louvor, como se pode ler na Ode XXV do livro III: *Para que bosques ou cavernas veloz me leva/ este novo estado de alma?/ Em que grutas me ouvirão ensaiar o cântico/ da eterna glória do egrégio César?*¹⁰. Estes poetas competiam entre si por sentirem que Augusto representava *um momento histórico de qualidade única*¹¹ e é com eles que a *poesia romana atinge o seu apogeu e exprime o que há de mais profundo na alma romana*.¹²

⁷ Idem, p. 231.

⁸ Idem, p. 238.

⁹ Horácio, *Odes*, I, 2, v. 50.

¹⁰ Horácio, *Odes*, III, 25, vv. 1-8. Tradução de Pedro Braga Falcão, Lisboa, Livros Cotovia, 2008, p. 241.

¹¹ M. H. R. Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol II – *Cultura Romana*, p. 221.

¹² Pierre Grimal, *O Império Romano*, Lisboa, Edições 70, 1993, p. 66.

1.2. As *Bucólicas* I e IV de Virgílio

Públio Virgílio Marão nasceu em 70 a.C., em Andes, próximo de Mântua. Segundo Pierre Grimal¹³, foi uma das mais fortes personalidades no círculo de Mecenas e encontrou a sua inspiração na herança itálica. As *Bucólicas* foram os seus primeiros poemas, escritos entre 42 a.C. e 38 a.C.. No conceito de bucolismo figura uma proposta de idealização da vida pastoril e de comunhão com a natureza.

A *Bucólica* I apresenta um diálogo entre dois pastores: Melibeu foi obrigado a abandonar as terras que lhe tinham sido confiscadas, enquanto Títilo conseguiu manter as suas. Para que Augusto pudesse recompensar os soldados das vinte e oito legiões que combateram em Filipos, muitas terras tiveram de ser retiradas aos camponeses. Esta situação gerou queixas e contestações e muitos dos lesados foram a Roma. Augusto prometeu-lhes indemnizações e medidas particulares de clemência. Pierre Grimal admite que *talvez o próprio Virgílio tivesse sido vítima dessas confiscações, tendo eventualmente perdido a propriedade familiar de Mântua*¹⁴.

Na primeira *Bucólica*, Melibeu representa os camponeses que saíram das suas terras; Títilo, que manteve as suas propriedades, transmite a confiança em Augusto, que surge como um deus¹⁵. Ao recordar a sua ida a Roma (na esperança de deixar de ser escravo), com a expressão *benévolos deuses* (vv. 41-42), Títilo alude decerto à decisiva influência de homens poderosos como Augusto, Mecenas e Polião.

Em outubro de 40 a.C., as negociações entre Mecenas (representado por Octávio) e Polião (representado por António) são decisivas para o pacto de Brindes, quando os habitantes desta cidade proibiram a entrada de António. É após essa celebração que Virgílio escreve a *Bucólica* IV.

Este texto é um dos mais misteriosos pelo significado das alusões a um menino que irá nascer e que consigo trará uma idade do ouro. A identidade da

¹³ Idem, p. 64.

¹⁴ Pierre Grimal, *O Século de Augusto*, Lisboa, Edições 70, p. 27.

¹⁵ Virgílio, *Bucólicas* I, vv. 6-7.

criança é incerta. Sendo o cônsul Polião o destinatário do poema¹⁶, alguns autores pensaram que se trataria de um dos seus filhos: Asínio Galo, o mais velho, ou Salonino, o mais novo.

Considerou-se ainda a possibilidade de ser o filho esperado de António ou o de Octávio e Escribónia. Outra das hipóteses seria a de o menino ser Cristo, facto que leva a que na Idade Média se honre Virgílio como um profeta da vinda de Cristo.

Também não será impossível ver no menino uma referência ao imperador Augusto, com quem Roma entrou numa nova fase da sua história. No capítulo 94 da *Vida de Augusto*, Suetónio¹⁷ refere os presságios que precederam o nascimento do imperador, anunciando a grandeza que lhe estava predestinada:

Tendo ido Ácia, em plena noite, assistir a um sacrifício solene em honra de Apolo, mandou colocar a sua liteira no templo e adormeceu, ali permanecendo enquanto as outras matronas voltavam para casa; ora uma serpente aproximou-se dela, rastejando, e afastou-se pouco depois; ao acordar, Ácia purificou-se, como se acabasse de sair das braços do marido; desde então apareceu-lhe no corpo uma mancha com a imagem de uma serpente, imagem que não pôde fazer desaparecer, e de tal sorte que se viu obrigada a não mais comparecer nos banhos públicos; Augusto nascia nove meses depois, e por isso o consideraram filho de Apolo. A mesma Ácia, antes do parto, sonhou que as entranhas lhe eram levadas para os astros e se espalhavam por toda a terra e todo o céu. Octávio, pai de Augusto, sonhou também que brotavam raios de sol do seio de Ácia. No dia em que Augusto nasceu, como se discutisse no Senado a conjuração de Catilina, e Octávio, por causa do parto da mulher, chegasse mais tarde, tornou-se facto notório que Públio Nigídio, ao ter conhecimento do atraso, e ao saber, também, a hora do parto, declarou que havia nascido um senhor do Universo. Mais tarde, Octávio, atravessando à frente de um exército as solidões da Trácia, consultou Baco acerca do filho, cumprindo, nos bosques sagrados do deus, os ritos bárbaros, e obteve dos seus sacerdotes a mesma resposta, pois o vinho vertido sobre o altar fizera erguer tão alto a chama, que esta se elevou acima da cumieira do templo, chegando ao céu. Ora semelhante prodígio só se dera com Alexandre Magno quando ele sacrificara sobre os seus altares. Na noite seguinte, julgou ver o filho de tamanho sobre-humano, armado do raio e de ceptro, revestido de atributos de Júpiter muito bom e muito grande e corado de raios, em cima de um carro, coberto de loiros, tirado por doze cavalos de uma brancura resplandecente.

Mas é igualmente pertinente considerar a hipótese de Virgílio não pretender referir-se a nenhuma criança, mas apenas a uma idade de Ouro,

¹⁶ Virgílio, *Bucólica* IV, v. 11.

¹⁷ Suetónio, *Os Doze Césares*, tradução e notas de João Gaspar Simões, Lisboa, Editorial Presença, 1979, p. 104.

enquanto *mensagem de esperança e consolação para um mundo dolorosamente perturbado*¹⁸.

O primeiro verso da Bucólica (*Musas da Sicília, elevemos um pouco nossos cantos!*¹⁹) sugere ainda a possibilidade de o menino a quem se alude ser uma metáfora para o anúncio à *Eneida*, a obra-prima de Virgílio, que nesta altura estaria a ser escrita.

1.3. O *Carmen Saeculare* de Horácio

Quinto Horácio Flaco nasceu em 65 a.C. em Venúsia e foi um dos maiores poetas do século de Augusto. Tal como Virgílio, também fez parte do círculo de Mecenas. O *Carmen Saeculare* foi composto em 17 a.C. para concluir a atividade religiosa dos Jogos Seculares.

Os primeiros jogos seculares ocorreram em 249 a.C., em honra de divindades infernais. Celebrados de 110 em 110 anos, no século I foram interrompidos devido à guerra civil. Recuperados por Augusto em 17 a.C., decorreram entre 31 de maio e 3 de junho e tiveram como finalidade comemorar a paz instaurada, a entrada de Roma numa nova época (conduzida por Augusto) e a eternidade da *urbe*.

No *Carmen Saeculare*, Horácio celebra as origens de Roma, louva as divindades e os feitos de Augusto²⁰. Após a invocação a Febo e Diana, enquanto protetores da cidade, há referência às leis maritais impostas por Augusto, aos valores da *urbe* e à descendência do povo romano. O poema foi entoado, primeiro no Palatino e depois no Capitólio, por 27 rapazes e 27 raparigas de nobres famílias com os pais ainda vivos (*matrimi e patrimini*) na cerimónia de encerramento dos jogos seculares.

¹⁸ Rose, H. J., *The Eclogue of Virgil*, Sather Classical Lectures, University of California Press, 1942, p. 162 (citado por M. H. R. Pereira, “Reflexos portugueses da IV Bucólica de Virgílio”, In *Virgílio e a Cultura Portuguesa – Actas do Bimilenário da Morte de Virgílio Lisboa 1981*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, temas portugueses, 1986, p. 64).

¹⁹ Tradução de M. H. R. Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, p. 124.

²⁰ Outras referências a Augusto e ao grandioso destino de Roma figuram na obra do poeta: I, 2, vv. 25-52 (invocação de Augusto); I, 12 (Augusto entre os heróis romanos); III, 14 (celebração de Augusto ao regressar da Hispânia); IV, 2, vv. 33-60 (Augusto regressa da Gália); IV, 5 (a paz Romana); IV, 14 (louvor de Augusto, temido por todos os povos); IV, 15 (a glória do século de Augusto).

1.4. Notas sobre a receção dos textos latinos estudados, na literatura portuguesa

Sem menosprezar a consolidação e o aprofundamento da língua, o programa de Latim B, no 12º ano, incide, essencialmente, na componente cultural e literária. Estudar o século de Augusto possibilita aos alunos não só recuperar conhecimentos já trabalhados nos *curricula* do 7º, 8º e 10º ano na disciplina de História, mas também refletir sobre a importância dos textos latinos estudados, no período em que foram escritos, e sobre a sua receção na literatura portuguesa. Levar os alunos a reconhecer alguns desses ecos é o objetivo dos anexos 4 e 6.

1.4.1. Vasco Fernandes de Lucena

A mais antiga referência que se conhece em português à *Bucólica* IV de Virgílio é de Vasco Fernandes de Lucena, no século XV. Legista e guarda-mor da Torre do Tombo (cargo em que Rui de Pina lhe sucedeu em 1497), terá sido cronista-mor do Infante D. Pedro. A pedido de D. João II traduziu a oração do Deão de Virge, embaixador do Duque Filipe de Borgonha, sobre a morte do Infante D. Pedro. No prólogo a esta tradução, depois de um elogio repleto de reminiscências clássicas, o autor escreve “*assy que aquelo de Virgilio delle, e de seus Irmãos dizer possamos com razom: Já reflorece a justiça, já se renovam os Reinos de Saturno, já a geraçam dos nobres principes dos altos ceeos nos he envyada*²¹”. As palavras “aquelo de Virgilio” introduzem uma tradução quase literal dos versos 6-7 da *Bucólica* IV: *iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;/ iam noua progenies caelo demittitur alto*. Mas a *noua progenies* sobre cujo sentido tanto se discute no poema do Mantuano adquire, no texto do humanista, um novo referente – a “íclita geração”, os filhos de D. João e D. Filipa de Lencastre, entre os quais D. Pedro.

²¹ Publicado por Joseph M. Piel em apêndice ao prefácio da sua edição do *Livro dos Offícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Ifante D. Pedro*, Coimbra, 1948, p. LII.

1.4.2. Henrique Caiado

Nascido em Lisboa na segunda metade do século XV, Henrique Caiado estudou Direito em Bolonha e em Florença, e doutorou-se em Direito Romano na Universidade de Pádua. Por essa altura, florescia em Itália a poesia novilatina: embora as línguas românticas tivessem alcançado reconhecimento literário, a língua latina era ainda considerada muito mais expressiva. Ao escrever em latim, os poetas novilatinos conjugavam a cultura greco-latina com o espírito dos séculos XV e XVI. Henrique Caiado é o primeiro (e o mais notável) poeta novilatino português.

Entre 1495 e 1500 escreveu em latim nove élogas, que se enquadram no modelo convencional do género bucólico, com pastores mais ou menos urbanizados, que num cenário campestre aludem aos seus problemas amorosos, sociais ou domésticos. No início da écloga IV, o pastor Hérnico dirige-se às Musas: *Pastor ut interdum montes, et rura relinquat,/ Et solitis maiora canat, concedite Musae* (Concedei, ó Musas, que o Pastor, de quando em quando, abandone os campos e os montes, para cantar temas mais elevados do que os habituais)²². O passo transcrito assemelha-se ao início da *Bucólica IV* de Virgílio: *Musas da Sicília, elevemos um pouco nossos cantos*. Mas para além de seguir o modelo virgiliano, Caiado insere inovações que atestam a sua capacidade poética. Exemplo disso é a alusão aos descobrimentos e à expansão portuguesa, nos versos 39-42 da mesma écloga: *Tales, oceani ratibus dum navigat aequor,/ Per mare non notum classem ducentibus astris,/ Rex varios populos reperit: Rex inclytus, auri/ Dives, et extremum nutu qui temperat orbem* (Um Rei ínclito, rico em ouro, e que, com um simples gesto do seu rosto, governa os últimos confins da terra, - encontra estas características nos diversos povos que vai descobrindo, enquanto as suas frotas sulcam as ondas do oceano, orientando-se pelos astros, através de mares desconhecidos)²³. Nestes versos, o autor faz referência ao ínclito Rei, que poderá ser D. João II, que reinou entre 1481 e 1495, com o cognome de

²² Tomás da Rosa (ed.) “As élogas de Henrique Caiado”, *Humanitas*, vols. II e III da nova série (vols. V e VI da série contínua), Coimbra, 1954, pp. 36-37.

²³ Idem, pp. 38-39.

“Príncipe Perfeito”, que traçou o plano da Índia e continuou o projeto dos descobrimentos (*Rex varios populos reperit*), o que lhe permitiu ser *auri dives*.

1.4.3. Sá de Miranda

Nascido em Coimbra no último quartel do século XV, Francisco de Sá de Miranda é um dos poetas com quem *em Portugal, o bucolismo atinge a maioridade através da composição que mais afortunadamente o representaria: a écloga*²⁴. Associando aos motivos pastoris a preocupação moral, social e filosófica e o desejo de renovação estética, fixou, pelo menos, dois tipos de écloga que seriam muitíssimo fecundos²⁵: a “écloga polémica” (centrada no debate ideológico) e a “écloga artística” (espaço para o ensaio de novos temas e novas formas métricas). Pertencem ao segundo tipo a maioria das éclogas de Sá de Miranda, escritas em castelhano (*Encantamento* é a única em português). *Fábula do Mondego* é o título de uma dessas poesias bucólicas, dirigida a El-rei D. João II²⁶.

Logo no início da composição, o poeta enaltece o destinatário com a apóstrofe “Ínclito Rey”. Para que o que escreve seja digno de tão nobre monarca, propõe-se elevar o seu canto desde a poesia bucólica até à poesia épica.

Nos versos 37-38 desta écloga de Sá de Miranda há uma referência nítida ao poeta romano: *Aquel tan alabado/ Títiro Mantuano,/ alzando el cantar llano/ del campo*. Títiro é um dos pastores da primeira Bucólica de Virgílio; o desejo de elevar o tom do canto para o adequar ao assunto a tratar é a ideia expressa no início da IV *Bucólica*. O passo transcrito atesta, pois, a receção do Mantuano nesta écloga.

²⁴ David Mourão-Ferreira, “Bucolismo”, in Jacinto Prado Coelho (coord.), *Dicionário da Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1978, vol. I, p. 128.

²⁵ Idem, p. 128.

²⁶ Francisco de Sá de Miranda, *Obras Completas*, ed. Rodrigues Lapa, Lisboa, Sá da Costa, 2002, vol. I, pp. 75-98.

1.4.4. Diogo Bernardes

Diogo Bernardes nasceu em Ponte da Barca por volta de 1530 e estudou em Braga. Foi moço de câmara do rei D. Sebastião e acompanhou-o a Alcácer Quibir em 1578, tendo ficado prisioneiro dos Mouros após a batalha. Relacionou-se com autores humanistas do seu tempo e partilhou com eles as concepções clássicas, demonstrando fidelidade aos modelos greco-latinos e renascentistas. É sobretudo no género bucólico que a sua arte mais se evidencia *pelo verdadeiro sentimento da natureza que consegue transparecer*²⁷, pois o cenário pastoril dos seus poemas reflete o seu estado de alma. Para E. Lemos, este poeta cujo decassílabo tem uma fluência até então desconhecida *é, depois de Camões, o nosso bucólico renascente mais puro e límpido, mais fluente e inspirado*²⁸.

A écloga VIII de Diogo Bernardes intitulada *Joanna* foi escrita para comemorar o casamento de Luís de Alcáçovas Carneiro com D. Joana de Vasconcelos²⁹. Nesta composição poética, há de facto uma inspiração virgiliana. Os pastores Sileno e Melibeu (nome de uma das personagens da *Bucólica I* de Virgílio) conversam sobre o amor. Depois de aconselhar o seu interlocutor nos seus problemas afetivos, Sileno dirige-se às Musas (versos 64-65): *Agora brandas Musas me inspirai, / Agora meu estylo levantai*. Este pedido (inspirado no início da IV *Bucólica* de Virgílio) prende-se com a vontade de cantar o casamento da destinatária do poema. No verso seguinte (v. 66) alude-se a *Himeneu*, o deus que preside às bodas. Nesta écloga, o poeta canta um hino à beleza da natureza, a figura do pastor é integrada no universo idealizado de uma nova Arcádia, num cenário campestre.

²⁷ Ester de Lemos, “Diogo Bernardes”, in Jacinto Prado Coelho (coord.), *op. cit.*, vol. 1, p. 98.

²⁸ Idem, p. 98.

²⁹ Diogo Bernardes, *Obras Completas*, com prefácio e notas de M. Braga, Lisboa, Sá da Costa, vol. II, pp. 54-61.

1.4.5. Domingos dos Reis Quita

Em conformidade com as regras introduzidas por Sá de Miranda, Domingos dos Reis Quita (1728-1770) *é fundamentalmente um lírico que continua a tradição clássica portuguesa do bucolismo*³⁰.

A écloga V intitulada *Linceia* foi escrita em 1761 para celebrar o nascimento do Sereníssimo Príncipe da Beira, D. José, filho primogénito de D. Maria I³¹.

Seguindo o estilo bucólico, o poeta recorre a dois pastores (Dorindo e Alcino) para celebrar o nascimento da criança. Numa espécie de messianismo a propósito do nascimento do príncipe da beira, há ecos virgilianos da IV Bucólica. Os versos 134 e 135 (*A mesma Terra os frutos saborosos/ Oferecendo-te está de prazer cheia*) ecoam a referência à terra e à sua capacidade natural de produção no poema do Mantuano (vv. 18-30). A referência ao sofrimento da mãe durante a gestação e o parto é outra das inspirações que se observam: *Principia a conhecer com doce riso/ A bela Mãe de gosto e de alegria; / Principia, ó Menino, que é preciso/ Suavizar-lhe os gemidos e agonia,/ Que lhe custou o dar-te à luz do dia*³². Assim recria o poeta os versos 60-62 da IV Bucólica de Virgílio: *Começa, pequenino, a conhecer no riso a tua mãe;/ à mãe causaram os dez meses longos sofrimentos./ Começa, pequenino!*³³. Mantendo o vocativo e o verbo no imperativo, Reis Quita sublinhou a importância do riso, anexando o adjetivo “doce” para suavizar os “gemidos e agonia” do parto (em vez do sofrimento ao longo de toda a gravidez, referido no texto virgiliano). Tal como no modelo latino, é grande a esperança depositada no menino cujo nascimento se exalta. A oração temporal *Quando já Varão firme e vigoroso/ Te fizer a viçosa flor dos anos* (vv. 144-145 da écloga V de Quita) é uma *imitatio* do verso 37 da Bucólica do Mantuano: *Depois, quando a força da idade te fizer varão*³⁴.

³⁰ Luís de Sousa Rebelo, “Domingos dos Reis Quita”, in Jacinto Prado Coelho (coord.), *op. cit.*, vol. 3, p. 902.

³¹ Domingos dos Reis Quita, *Obras Completas*, ed. de Ana Cristina Fontes, Porto, Campo das Letras, 1999, vol. I, pp. 81-87.

³² Domingos dos Reis Quita, *op. cit.*, vv. 139-143.

³³ Virgílio, *Bucólica IV*, vv. 60-62. Tradução de M. H. da Rocha Pereira, *Romana – Antologia de Cultura Latina*, p. 125.

³⁴ Tradução de M. H. R. Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, p. 125.

Nos versos 155-157, Quita não deixa de referir a sua vontade de cantar os gloriosos feitos do herói cujo nascimento exalta: *Que se esta pobre vida durar tanto,/ Que teus gloriosos feitos cantar possa,/ Nem Orfeu mesmo vencerá meu Canto*. Inspira-se, mais uma vez, na IV *Bucólica* de Virgílio (versos 53-54): *Oh! Que então me reste a última parte de uma longa vida,/ e inspiração bastante para cantar os teus feitos!*³⁵ O menino cantado por Reis Quita é alguém de quem se espera que venha a ser também o conquistador de terras africanas e um defensor do povo, um futuro herdeiro do trono.

1.4.6. Bocage

Ecos da IV *Bucólica* de Virgílio figuram também na obra de Bocage (1765-1805), o maior poeta do século XVIII português³⁶. Em 1801, para celebrar o nascimento da infanta D. Isabel Maria (filha de D. João VI e D. Carlota Joaquina), a quem viria a ser confiada a regência do Reino em 1826, Bocage compôs um elogio dramático intitulado *Ao nascimento da Sereníssima Senhora Infanta D. Isabel*, que foi recitado no teatro da Rua dos Condes. Tendo por interlocutores um ator e uma atriz, o poema é composto por duas partes. A primeira (vv. 1-82) é preenchida pela fala do ator, que exalta a alegria da família real pela sua descendência; na segunda parte (vv. 83-110), a atriz apela à divina proteção para a recém-nascida.

À semelhança de Virgílio no início da IV *Bucólica*, o poeta invoca as musas pedindo-lhes inspiração adequada ao tom da matéria a cantar. Mas substitui as Musas da Sicília pelas Musas do Tejo: *Musas, Musas do Tejo, alçai ao Pólo/ versos dignos dos reis, da Pátria dignos*³⁷. No verso 3 – *Desenruga-se o Fado, os tempos vovem/ Quais a vate Cumeia os viu na mente* – ecoam os versos 4-5 da *Bucólica IV*: *Chegou já a última época do oráculo de Cumas/ Renasce de raiz a grande sucessão dos séculos*³⁸. Mais à frente, nos versos 8-10 do poema de Bocage lê-se: *No manto cor de neve Astreia envolta,/ As eras de Saturno à terra guia:/ Desliza-se dos Céus estirpe nova*. A alusão a Saturno e

³⁵ Tradução de M. H. R. Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, p. 125.

³⁶ Jacinto Prado Coelho, *op. cit.*, Vol. 1, p. 114.

³⁷ Bocage, *Opera Omnia*, ed. Hernâni Cidade, Lisboa, Bertrand, 1970, vol. I, p.167, vv. 1-2.

³⁸ Tradução de M. H. R. Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, p. 124.

ao surgimento de uma “estirpe nova” atesta a influência de Virgílio: *Eis que volta já a Virgem, volta o reino de Saturno,/ e já do alto dos céus desce uma nova geração*³⁹. À semelhança do texto virgiliano, também no poema de Bocage (vv. 42-47) se exalta a fecundidade da natureza em sintonia com o nascimento da nova estirpe celebrada. Os versos 60-63 da *Bucólica IV* inspiraram os versos 78-82 do elogio dramático de Bocage: *Querida prole, a conhecer começa/ A carinhosa mãe, que magoaste/ Com agro pesadume em longos dias;/ Melhora os risos teus nos risos dela*. O poeta português recria o original latino: mantém o vocativo, mas em vez do feminino correspondente a *parue puer* escreve *querida prole*; ao imperativo *incipi* (que em Virgílio inicia o verso 60) faz corresponder a forma verbal *começa* (curiosamente remetido para o final do verso em que ocorre); à palavra *mãe*, acrescenta o adjetivo *carinhosa*; o substantivo *risu*, que a maioria dos tradutores interpreta como referente ao filho, mas que também pode referir-se à mãe (*Começa, ó menino, a reconhecer a tua mãe pelo seu sorriso*), é duplicado no poema de Bocage, aplicando-se às duas personagens.

1.4.7.D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna

Por ocasião da chegada a Londres do Conde de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein (futuro Duque de Palmela) e da sua esposa, a Marquesa de Alorna escreve a *Écloga a Holstenio*⁴⁰, tomando por modelo a *Bucólica IV* de Virgílio. Exilada em Londres por motivos políticos entre 1804 e 1814, a poetisa vê em Holstein uma das grandes figuras do liberalismo português, depositando no diplomata a esperança de ver resolvidas as suas apreensões pelo destino do seu filho, pelo seu sustento e das suas cinco filhas, e pela segurança da pátria. É decerto pelo seu tom messiânico que a *IV Bucólica* lhe serve de inspiração.

³⁹ Virgílio, *Bucólica IV*, vv. 6-7, Tradução de M. H. da Rocha Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, p. 124.

⁴⁰ Marquesa de Alorna/ Alcipe; *Obras Poéticas de D. Leonor D’Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza D’Alorna, Condessa D’Assumar, e D’ Oeynhausén, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de Alcipe*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, Tomo II, pp. 157-160.

No intuito de elevar o tom do seu canto, a poetisa invoca as Musas, substituindo as da Sicília (mencionadas por Virgílio) pelas Lusitanas, pedindo-lhes que lhe concedam um tom digno do destinatário do poema: *Vós, Musas Lusitanas, novo canto/ Empr'endei hoje*⁴¹. Parafraseando os vv. 4-10 do texto da IV *Bucólica* de Virgílio, a poetisa só não faz referência a Lucina (em virtude de Holstein se encontrar na força da idade), aludindo ao fim da “raça férrea” e ao início de uma idade do ouro trazida por Holstein, vindo dos céus: *Acabaram-se os seculos preditos:/ Chegou a idade d'ouro, que os escriptos/ Da Sybilla Cuméa annunciaram./ Os dias de Saturno ou já voltaram,/ Ou no oriente apontam: volta Astréa,/ Que os desenvoltos erros encadêa./ A raça férrea acaba: aurea progenia/ Desce dos Ceos; scintilla Hosltenio, Eugenia*⁴².

Tal como em Virgílio, a fertilidade da natureza associa-se à chegada dessa idade do ouro: pelas plantas que a terra oferece (*As flores espontaneas, c'roa d'hera,/ De fresco inhame e acantho entrelaçada,/ Te ha de off'recer a Terra consolada*⁴³); pela abundância do leite (*O gado farto, nos curraes tranquillo,/ Ha de abundar em leite*⁴⁴); pela segurança do rebanho (*Ha de contra o leão medrar seguro/ O rebanho, até 'gora perturbado*⁴⁵); pela ausência de plantas venenosas (*planta nociva/ Nunca mais brotará*⁴⁶). Ecoam nestas maravilhas da natureza os versos 18-22 da *Bucólica* IV de Virgílio: *Sem ser cultivada, a terra será a primeira a dar-te de prenda,/ menino, as coleantes heras no meio do bácaro,/ derramando a colocásia à mistura com o ridente acanto./ Por si mesmas, as cabras virão trazer a casa/ os úberes tensos de leite, e os leões enormes não temerão os rebanhos*⁴⁷.

Confiando na determinação do diplomata, a poetisa compara-o a Aquiles e considera-o capaz de vencer os obstáculos que se lhe depararem: *Typhios veremos, d'Argos constructores,/ Argonautas, e mais exploradores,/ Cuja voracidade não desmaia,/ Que irão desembarcar na Iberia praia:/ Novas Helenas, guerras motivando,/ De Troya á queda os Gregos provocando./ Olha,*

⁴¹ Idem, vv. 1-2.

⁴² Idem, v. 7-14.

⁴³ Idem, vv. 36-38.

⁴⁴ Idem, vv. 39-40.

⁴⁵ Idem, vv. 42-43.

⁴⁶ Idem, vv. 45-46.

⁴⁷ Tradução de M. H. da Rocha Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, p. 125.

*Holstenio, estes males; não vaciles,/ Vence-os todos, que has de exceder Achilles*⁴⁸.

1.4.8. M. S. Lourenço

Professor universitário, filósofo, tradutor, ensaísta e poeta, Manuel dos Santos Lourenço (1936-2009) publicou em 1974 a obra *Wytham Abbey*, cujo título advém do nome de uma aldeia do condado de Berkshire. Escrita entre o verão de 1969 e o verão de 1972, é composta por três partes (exposição, desenvolvimento e recapitulação) e tem por tema a experiência visionária: segundo as palavras do próprio autor, a ideia essencial é a *de que a visão da face de Deus é o desenvolvimento de um drama*⁴⁹.

É no terceiro poema da segunda parte que transparece a influência da IV *Bucólica* de Virgílio, identificada no prefácio de *Wytham Abbey* como uma das suas fontes de inspiração.

No início do texto, M.S. Lourenço retoma não só os motivos da rivalidade com os poetas míticos do final da égloga do Mantuano (*Sem me deixar vencer por Orfeu ou por Lino; / Desafio Pan, no meio da Arcádia*⁵⁰), mas também a necessidade de subir o tom do canto (*Comecemos, pois, com uma arte maior*⁵¹).

O poeta parafraseia os versos 4-10 da égloga IV de Virgílio escrevendo: *Chegou a era do oráculo de Cumas;/ A órbita dos séculos rompe intacta./ Regressam a Virgem e os reinos de Saturno,/ o céu chove uma raça nova*⁵². Alude-se a uma criança com a qual crescerá essa idade do ouro: *Favorece, Lucina, o nascimento dum jovem/ Que leve a fundir este século de ferro,/ Que ofereça a todos a Idade do Ouro*⁵³. Ao invocar Lucina, não se esquece de referir a progenitora e a importância do seu sorriso: *Reconhece a tua mãe no sorriso*

⁴⁸ Marquesa de Alorna/ Alcipe, *op. cit.*, vv. 67-74. Cf. Virgílio, *Bucólica IV*, vv. 34-36.

⁴⁹ M. S. Lourenço, *Wytham Abbey*, Lisboa, Moraes Editores, 1974, prefácio, p. 7.

⁵⁰ Idem, p. 30, vv. 4-5.

⁵¹ Idem, p. 30, v. 8.

⁵² Idem, p. 30, vv. 9-12.

⁵³ Idem, p. 30, vv. 13-15.

*dela*⁵⁴. Tal como Virgílio na IV *Bucólica* (v. 11), também M. S. Lourenço dirige o seu poema a Polião: *Verás, Pólio, o relâmpago no horizonte*⁵⁵. A Idade de Ouro trará, como se observa na *Bucólica* IV (vv.18-22), a sintonia perfeita em toda a natureza: *Sem suor a terra será fértil: passim/ Crescerão o cedro, a acácia e o carvalho./ As cabras, à noite, dos barrancos aos estábulos,/ Voltarão com as tetas pesadas de leite;/ Sem medo as ovelhas farão face aos leões./ Os cravos rebentam à tua volta,/ As serpentes morrem, o leopardo é esmagado/ E a flor da Assíria cresce livre*⁵⁶.

1.4.9. Referências Clássicas em Ricardo Reis

Ricardo Reis, heterónimo pessoano, para quem Fernando Pessoa criou o nome, a idade, a fisionomia, a biografia e o estilo, terá nascido no dia 19 de Setembro de 1887. Apresenta um estilo poético bastante diferente dos outros poetas-Pessoa: *à grande questão da indagação do sentido de existência, colocado de forma diversa por cada um deles, Reis responde como se fosse um homem de outro tempo e de outro mundo, um mundo antigo, pagão a braços com o Destino*⁵⁷. O poeta afirma ter em Horácio o seu mestre, pela sua ligação ao mundo clássico e pela sua convicção de que a verdade apenas pertence aos deuses. *A educação que teve criou nele o gosto pelo classicismo e é na imitação do poeta latino Horácio que se baseia a construção daquilo que é fundamental na sua poesia (...) povoada de alusões mitológicas*⁵⁸.

⁵⁴ Idem, p. 30, v. 16.

⁵⁵ Idem, p. 31, v. 20.

⁵⁶ Idem, p. 31, vv. 27-34.

⁵⁷ Costa Pinto, E., Fonseca, P. e Saraiva Baptista, V., *Plural 12*, Português Cursos Científico-Humanísticos 12º ano Ensino Secundário, Lisboa, Raiz Editora, 2012, p. 191.

⁵⁸ Idem, p. 191.

2. Descrição da unidade didática

2.1. Quadro síntese da unidade didática⁵⁹

**Imagens de Augusto em Virgílio e Horácio:
Análise de textos e sua receção na literatura portuguesa**

Objetivos gerais:

- Contribuir para o alargamento do saber e da cultura pelo contacto direto com textos latinos de valor intemporal;
- Conhecer textos de obras significativas da literatura latina;
- Verificar a influência da literatura latina na literatura portuguesa;
- Contribuir para a visão crítica do presente na sua relação com o passado;
- Levar à reflexão sobre a perenidade de valores.

Objetivos específicos	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Ler e traduzir textos de autores latinos; - Rever e consolidar noções fundamentais; - Refletir sobre a influência de autores latinos na literatura portuguesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - O Século de Augusto; - <i>A pax romana</i>; - A glorificação do império, - Os Jogos Seculares, - O círculo de Mecenas, - Virgílio: <i>Bucólicas</i> I e IV; - Horácio: <i>Carmen Saeculare</i>; - Receção dos textos latinos estudados, em autores portugueses. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de fichas de trabalho; - Análise e tradução de excertos; - Leitura integral em tradução dos poemas latinos analisados; - Identificação de temas clássicos na literatura portuguesa; - Observação de representações iconográficas. - Leitura de excertos da poesia bucólica portuguesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gramática da língua latina; - Dicionário de Latim-Português; - Computador; - Diapositivos de <i>powerpoint</i>; - Quadro; - Material de escrita; - Fichas de trabalho; - Documentos de apoio; - Representações alusivas ao século de Augusto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Contínua; - Observação direta; - Assiduidade; - Pontualidade; - Motivação; - Interesse; - Fichas de trabalho.

⁵⁹ Elaborado com base no programa de Latim B.

2.2. Descrição sumária das aulas

2.2.1. Aula 1

A primeira aula, datada do dia 17 de novembro de 2014, começou com a recolha da ficha de trabalho 1 – ficha de diagnóstico (*vide* anexo 2), enviada como trabalho de casa na aula anterior. A distribuição de fichas de trabalho foi uma estratégia desenvolvida em todas as aulas não só com o objetivo de orientar os alunos nos diferentes momentos da unidade didática, mas também de lhes possibilitar a aquisição de documentos de estudo sobre os conteúdos trabalhados.

Em seguida, foi projetado um *powerpoint* (*vide* anexo 3) com o objetivo de rever os conteúdos já trabalhados sobre o século de Augusto e de introduzir o estudo das *Bucólicas*. Distribuiu-se, posteriormente, a *Bucólica* I (na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira⁶⁰) e a ficha de trabalho 2 (*vide* anexo 3). A mestranda pediu aos alunos que fizessem a leitura da tradução do poema em voz alta, até ao verso 5. Na versão portuguesa, encontrava-se em branco o espaço correspondente aos versos 6-7, selecionados para análise e tradução na ficha de trabalho 2. Os alunos começaram por responder às questões relativas ao verso 6 (grupo 1). Este conjunto de exercícios foi realizado em conjunto e oralmente. As questões do grupo 2 foram resolvidas individualmente (em cerca de 10 minutos) e foram corrigidas oralmente.

Depois de traduzidos os versos 6-7, a mestranda distribuiu, impresso em papel autocolante, o passo em falta na tradução literária, para que os alunos o colassem no espaço em branco. Prosseguiu-se então a leitura em voz alta até ao verso 18; os versos 19-20 e 24-25 também se encontravam em falta na tradução distribuída, pois seriam alvo de análise na segunda parte da ficha. O conjunto de perguntas é bastante semelhante ao da primeira parte: as questões são, sobretudo, de casos e funções sintáticas, bem como de identificação de formas verbais. Entre as questões indispensáveis à tradução, foi também proposta a análise de uma oração subordinada completiva infinitiva e a oração subordinada adjetiva relativa. A mestranda concedeu aos alunos cerca de 10 minutos para que respondessem às questões, tendo, de seguida, feito a correção no quadro. Para os dois últimos exercícios da ficha de

⁶⁰ M. H. R. Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, pp. 121-124.

trabalho (direcionados para étimos latinos e para cultura romana) os discentes dispuseram de cerca de 8 minutos, tendo de seguida sido feita a correção.

Concluída a ficha de trabalho 2, à semelhança do que foi feito anteriormente, a mestranda distribuiu, em papel autocolante, a tradução literária dos versos analisados e os alunos terminaram a leitura integral da *Bucólica* I. Em seguida puderam observar uma xilogravura alusiva ao poema virgiliano (*vide anexo 3*, p. 55). Após a análise do texto e das alusões a Augusto que nele figuram, a mestranda concluiu a aula averiguando se havia dúvidas ou alguma questão pertinente sobre o trabalho desenvolvido.

2.2.2. Aula 2

A segunda aula decorreu no dia 19 de novembro de 2014 e a mestranda iniciou-a com a distribuição da ficha de trabalho 3 (*vide anexo 4*) acompanhada pela *Bucólica* IV (na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira⁶¹) e por um documento de apoio sobre as Parcas, as Meras e as Ceres. Foi este o primeiro material a ser trabalhado, para esclarecer a referência mitológica às Parcas na *Bucólica* IV. Para corroborar aquilo que foi lido, a mestranda mostrou uma imagem das Parcas.



Ilustração 1 – A Golden Thread (1885)
As Parcas com o fio da Vida
por John Melhuish Strudwick (1849-1937)

Em seguida, os alunos leram em voz alta a tradução do poema até ao verso 45.

A ficha de trabalho 3 tem por objetivo analisar sintaticamente os versos 46-49. A resposta ao primeiro grupo de perguntas foi feita individualmente. Neste grupo, as

⁶¹ M. H. R. Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, pp. 124-127.

questões são de apoio à tradução: formas verbais, casos e funções sintáticas. Foram cedidos 15 minutos para a resolução dos exercícios e procedeu-se depois à correção com recurso ao quadro. Por falta de tempo, as questões do grupo 2 foram deixadas para a aula seguinte.

2.2.3. Aula 3

A terceira aula decorreu no dia 24 de novembro e foi dividida em duas partes: a primeira dedicada à conclusão da ficha de trabalho 3 e a segunda destinada à leitura de textos que demonstram a influência de Virgílio e do bucolismo na literatura portuguesa.

Foram cedidos cerca de 10 minutos para que os alunos concluíssem o segundo grupo de questões e, posteriormente, fez-se a correção oralmente com a turma.

Depois de traduzidos os versos, a mestranda distribuiu – à semelhança do que havia feito na aula anterior – a tradução do passo, impressa em papel autocolante, para que a turma completasse o espaço deixado em branco na versão portuguesa. Em seguida, os alunos concluíram a leitura da tradução da *Bucólica* IV e responderam individualmente às questões 3 e 4 da ficha, a propósito do conteúdo do poema. Observaram uma reprodução de um painel de azulejo exposto na Faculdade de Évora, que ilustra a leitura de que o menino referido no poema de Virgílio seria o filho de Polião, Salonino (*vide* anexo 3). Após a correção dos exercícios, ainda houve tempo para o esclarecimento de dúvidas sobre o texto de Virgílio trabalhado nas duas aulas.

Em seguida, a mestranda distribuiu um fascículo intitulado *Ecos da 1ª e da 4ª Bucólicas de Virgílio na Literatura Portuguesa* (*vide* anexo 4). Este documento de apoio apresenta excertos que atestam a influência destes dois poemas de Virgílio em autores portugueses, do século XV ao XX.

Os alunos foram convidados a ler em voz alta os textos coligidos. No final de cada leitura foi feita uma breve análise tendo em conta o conteúdo, reconhecendo-se, em todos os passos transcritos, ecos dos poemas trabalhados. Assim se encerrou o estudo das *Bucólicas* I e IV.

2.2.4. Aula 4

No dia 26 de novembro de 2014, realizou-se a quarta aula. Concluído o estudo das *Bucólicas* I e IV de Virgílio, a mestranda projetou vários diapositivos sobre a vida e obra de Horácio, os jogos seculares e o *Carmen Saeculare*. Para trabalho de casa, foi enviada a ficha de trabalho 4 (*vide* anexo 5) sobre os conteúdos abordados no *powerpoint* apresentado na aula.

Em seguida, foi distribuído um documento de apoio com o *Carmen Saeculare* (acompanhado da versão portuguesa de Pedro Braga Falcão⁶²) e a ficha de trabalho 5. Depois de a turma ter lido a tradução até ao verso 36, foi iniciada a ficha de trabalho, com o objetivo de analisar e traduzir os versos 37-38 e 45-48, com perguntas sobre sintaxe, morfologia (formas verbais, casos e funções sintáticas) e recursos estilísticos. A mestranda cedeu aos alunos cerca de 15 minutos para responderem ao exercício 1; findo esse tempo procedeu à correção. As questões 2, 3 e 3.1. foram trabalhadas individualmente; os exercícios 4 e 5 foram resolvidos em conjunto com recurso ao quadro.

No final da aula, os alunos puderam, mais uma vez, expor as suas dúvidas sobre o excerto traduzido e sobre a ficha de trabalho.

2.2.5. Aula 5

A quinta aula foi lecionada no dia 1 de dezembro de 2014 e serviu para concluir o trabalho começado na aula anterior.

A docente estagiária começou por retomar os assuntos-chave da sessão precedente, nomeadamente o objetivo cultural do poema. Posteriormente, os alunos realizaram o exercício que se encontra no final da ficha de trabalho: identificar todas as referências mitológicas ocorrentes no texto. A mestranda propôs à turma a

⁶² Horácio, *Odes*. Tradução de Pedro Braga Falcão, Lisboa, Livros Cotovia, 2008, pp. 303-307.

observação de um conjunto de imagens para ilustrar algumas dessas alusões mitológicas.

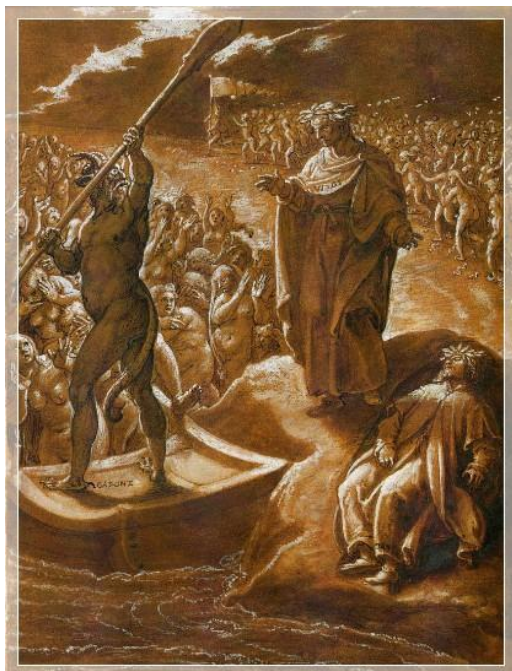


Ilustração 2 – Caronte – pintura de Giovanni Stradano (1587) para a *Divina Comédia* de Dante Alighieri.



Ilustração 3 – Orfeu e Eurídice, de Charles de Sousy Ricketts (1886).
Londres: Bradford Art Gallery.



Ilustração 1 - Orfeu diante de Plutão e Prosérpina, de Jean François Perrier (1590-1650). Paris: Museu do Louvre.



Ilustração 2 - Flora, Deusa das flores e as flores - quadro de Evelyn de Morgan (1894).
Londres: De morgan centre.



Ilustração 3 – Febo e as Horas, de Guido Reni (1613). Roma: Palácio Rospigliosi Pallaviani.

Ricardo Reis, heterónimo pessoano, assumiu Horácio como o seu mestre. Partindo desta conceção, foi distribuído um conjunto de poemas (*vide* anexo 6), tendo sido analisados os primeiros cinco. Os alunos foram convidados a identificar as referências

mitológicas presentes em cada um dos textos, comparando-as com as alusões encontradas no poema horaciano.

Não houve tempo para analisar os restantes textos, mas a professora cooperante sublinhou o facto de terem sido deixadas pistas para prosseguir o trabalho com a turma.

No final da aula, foi distribuída a ficha de trabalho 6 (*vide* anexo 6), que foi enviada como trabalho de casa.

2.2.6. Aula 6

A última aula foi realizada no dia 12 de janeiro de 2015. Utilizaram-se os primeiros quarenta e cinco minutos para corrigir a ficha de trabalho 6 –exercício de avaliação, enviado como trabalho de casa na última aula de dezembro.

A segunda parte da aula foi preenchida com a leitura de dois textos forjados em estilo de entrevista a duas das figuras referidas na unidade didática: Augusto e Virgílio (*vide* anexo 7). Estes textos, com algum humor, foram utilizados como forma de destacar conteúdos importantes sublinhados nas aulas: em relação a Augusto, o seu prestígio, os seus feitos, as leis impostas e a redução dos poderes do Senado; no caso de Virgílio, além da referência a Mecenas, a entrevista alude à escassez de tempo livre na vida de um poeta com uma obra tão vasta. Estas entrevistas imaginárias (*Juvenis*, fevereiro, 2004, p.12. e *Juvenis*, setembro/outubro, 2004, p.12) também serviram para concluir de forma lúdica todo o trabalho desenvolvido com os alunos ao longo das seis aulas.

2.3. Descrição dos materiais

No seguimento da proposta feita à professora cooperante para iniciar a prática profissional na turma de Latim do 12º ano em meados do mês de novembro, a mestranda recebeu a incumbência de trabalhar as *Bucólicas I e IV* de Virgílio, e o *Carmen Saeculare* de Horácio.

Para que houvesse continuidade programática entre os conteúdos lecionados pela docente cooperante e os da unidade didática a aplicar pela formanda, esta preocupou-se em assistir às aulas que antecederam a sua intervenção didática. Nessas aulas, a professora cooperante trabalhou com os alunos a figura de Dido na epopeia virgiliana.

A ficha de diagnóstico (*vide* anexo 2) é constituída por duas partes, uma de língua e outra de cultura, para testar os conhecimentos dos alunos nas duas áreas. O exercício foi enviado como trabalho de casa, pois a mestranda considerou que deveria rentabilizar o tempo letivo cedido pela professora cooperante para a realização do seu trabalho.

As questões de língua da ficha de diagnóstico versam sobre um excerto que pertence ao princípio do canto II da *Eneida*, no qual surge referência à rainha Dido, figura sobre a qual os discentes haviam trabalhado com maior pormenor nas aulas anteriores. Os versos escolhidos apresentam uma dificuldade similar à dos excertos selecionados para a unidade didática. No vocabulário anexo ao texto figuram apenas as palavras que poderiam causar maior dificuldade aos alunos: o verbo *conticesco*, *is*, *ere*, *ticui* foi enunciado no intuito de ajudar os alunos a identificar a forma *conticuere* como 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo; figuram também no vocabulário as palavras *os*, *oris* e *teneo*, com o sentido que R. G. Austin⁶³ lhes associa no seu comentário ao primeiro verso do canto II do poema épico de Virgílio.

Apresentam-se cinco grupos de perguntas: os exercícios 1 e 2 versam sobre morfologia e sintaxe, enquanto a questão 3 permite reconhecer a competência dos discentes para associar vocábulos da língua portuguesa a étimos latinos. Além da

⁶³ R.G. Austin, *P. Vergili Maronis Aeneidos Liber Secundus*, Oxford, Clarendon press, 1973, p.27.

tradução (questão 5), também foi proposto o comentário da expressão “*pater aeneas*”, recorrente na epopeia virgiliana.

A forma de *crucigrama* foi uma escolha pedagógica para motivar os estudantes para a realização do trabalho. O preenchimento dos espaços permite avaliar conhecimentos sobre diferentes aspetos da cultura romana: religião (IX, XIII, XVI), história (IV, X, XII, XV), valores romanos (I, II, VII) e literatura (III, V, VI, XI, XIV). Na ficha de cultura, a nota obtida numa escala de 0 a 20 corresponde à percentagem de espaços corretamente preenchidos. Na ficha de língua, a cotação máxima foi dada à tradução (58 dos 200 pontos); todas as outras perguntas foram cotadas entre 10 e 32 pontos.

Ao longo da unidade didática, a mestranda preocupou-se em levar sempre fichas de trabalho para a aula, de modo a que os alunos pudessem acompanhar melhor o trabalho proposto.

Na primeira aula foi feita uma breve revisão com recurso a um *powerpoint* (vide anexo 3) sobre o século de Augusto. Em seguida, fez-se a introdução às *Bucólicas* de Virgílio e iniciou-se a análise de dois desses poemas (I e IV). Juntamente com os excertos a traduzir, foram sempre distribuídas fichas de trabalho com o objetivo de ajudar os alunos na análise necessária à tradução e de consolidar e aprofundar o estudo da língua. Na terceira aula, a mestranda reuniu uma lista de excertos de bucólicos portugueses, com o objetivo de mostrar que os tópicos que inspiraram Virgílio podem ser encontrados ao longo dos séculos em diferentes autores.

A segunda parte da unidade didática começou na aula número quatro, em que se introduziu o estudo do *Carmen Saeculare* de Horácio. Na quinta aula (à semelhança da aula número três) a mestranda levou poemas de Ricardo Reis para comprovar a presença de temas horacianos na poesia pessoana. Na última aula, após a correção do exercício final (que, à semelhança do teste de diagnóstico, foi feito em casa), a mestranda propôs a leitura de duas entrevistas imaginárias a Augusto e a Virgílio retiradas da revista *Iuvenis*, como forma de encerrar a unidade didática de forma lúdi

3. Instrumentos e procedimentos de avaliação

Essencial no processo de aprendizagem, a avaliação exige interpretação, reflexão e decisão sobre os processos de ensino com o objetivo de melhorar a formação dos alunos⁶⁴. Considerando que não se pode falar em avaliação de resultados sem utilizar uma planificação que sustente o processo, Carrilho Ribeiro definiu um ciclo de planificação do ensino que envolve diferentes etapas: *identifica-se o que se pretende atingir (os objectivos de aprendizagem), concebe-se o processo de chegar até lá (os métodos, os meios e materiais) e, finalmente, a maneira de saber se se conseguiu, ou não, o pretendido (tipos e instrumentos de avaliação)*⁶⁵. A proposta do autor oferece ao professor *larga intervenção*, para que este disponha de uma avaliação que satisfaça os objetivos pretendidos.

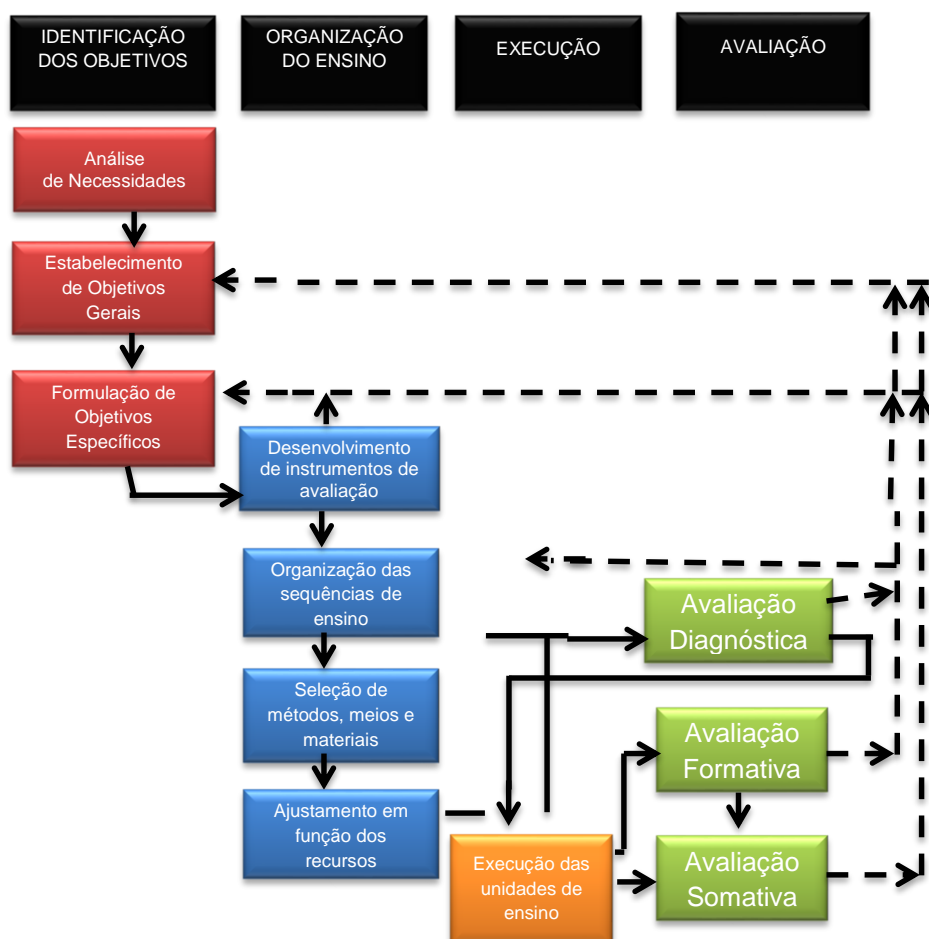


Figura 2 – Esquema do ciclo de ensino, segundo Carrilho Ribeiro

⁶⁴ P. Abrantes, “Princípios sobre currículo e avaliação”, in *Proposta de reorganização curricular do Ensino Básico (documento de trabalho)*, Lisboa, ME – Departamento de Educação Básica, 2000.

⁶⁵ L. Carrilho Ribeiro, *Avaliação e aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora, 1991, p. 21.

A intervenção didática apresentada neste relatório começou pela análise das necessidades dos alunos: a professora cooperante definiu os textos a trabalhar com a turma; a ficha de diagnóstico permitiu observar as dificuldades sentidas pelos discentes e detetar conteúdos que poderiam ser revistos a propósito dos textos trabalhados. Em seguida, a mestrandia estabeleceu os objetivos gerais da unidade didática, com base no programa curricular em vigor. A este estabelecimento seguiu-se a formalização dos objetivos específicos, que identificam mais concretamente o que se pretende concretizar com o trabalho proposto. Depois de identificar os objetivos, foi necessário selecionar os métodos e os materiais didáticos, organizar a sequência didática e construir os instrumentos de avaliação.

A implementação da avaliação de diagnóstico teve dois objetivos: por um lado, dar início à intervenção didática e, por outro lado, apurar se os alunos tinham adquirido conhecimentos e aptidões que lhes permitissem compreender os conteúdos da unidade didática. Aplicada a avaliação inicial, seguiu-se a execução da unidade de ensino que *corresponde ao desenrolar de todo o plano de acção traçado*⁶⁶. Na quarta aula, aplicou-se a avaliação formativa (com o objetivo de aferir se a aprendizagem estaria a decorrer como previsto), com recurso à ficha de verificação dos conteúdos transmitidos durante a visualização do *powerpoint* sobre Horácio, os jogos seculares e o *Carmen Saeculare*. A avaliação Somativa representa o momento final da unidade didática: nesta etapa, fez-se um balanço do trabalho efetuado e concluiu-se se os objetivos traçados tinham sido cumpridos.

Para construir a avaliação da unidade didática, seguiram-se três princípios basilares⁶⁷ que sustentam uma orientada e objetiva avaliação do trabalho realizado. O primeiro é o da consistência dos procedimentos de avaliação relativamente aos objetivos curriculares e às formas de trabalho efetivamente desenvolvidas pelos alunos. Para cumprir este requisito, após a indicação dada pela professora cooperante acerca dos conteúdos a abordar, foi necessário consultar o programa de Latim B em vigor, não só para aferir os objetivos programáticos para os conteúdos em questão, mas também para compreender as melhores estratégias a adotar, tendo em vista o

⁶⁶ Idem, p.28.

⁶⁷ Desenvolvidos por: Abrantes, *op. cit.*, 2000.

cumprimento dos objetivos do programa em paralelo com os conteúdos. Durante a intervenção didática, aplicou-se o segundo princípio: a reafirmação do carácter formativo e positivo da avaliação, valorizando o que os alunos já sabiam e conduzindo-os na superação das dificuldades. O último princípio, mas não menos importante, é o rigor dado à avaliação, desde a fase de diagnóstico até à avaliação final.

4. Apresentação e análise dos resultados do exercício de avaliação final

4.1. Resultados por questão

4.1.1. Questão 1

Questão 1	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.	Total
Cotação	19	24	16	20	38	117
Aluno 1	19	16	16	12	8	71
Aluno 2	3	0	0	0	8	11
Aluno 3	19	16	16	12	12	75

Tabela 1 - Resultados obtidos na questão 1

Neste primeiro grupo de perguntas (questões de morfologia e sintaxe sobre os vv. 73-74 do texto), nenhum aluno obteve a cotação máxima (117 pontos dos 200 pontos). No entanto, é de salientar que o aluno 1 e o aluno 3 obtiveram mais de metade da pontuação. Na questão 1.1., ambos obtiveram a cotação máxima, enquanto o aluno 2 apenas conseguiu 3 pontos. Tratando-se de uma questão de identificação verbal, alcançar a cotação máxima pressupõe a capacidade de identificar corretamente e de forma completa a forma verbal (pessoa, número, tempo, modo, voz e enunciação do verbo); preenchendo apenas a enunciação do verbo, o aluno 2 obteve 3 dos 19 pontos.

Na questão 1.2., o aluno 1 e o aluno 3 obtiveram 16 pontos (dos 24 possíveis): no verso 2 existem quatro palavras no caso acusativo, no número singular e no género feminino (*spem bonam certamque domum*) e os discentes não foram capazes de associar corretamente os adjetivos aos substantivos. Não valorizando a partícula “*que*”, associaram o substantivo *spem* ao adjetivo *bonam* e o substantivo *domum* ao adjetivo *certam*. Se tivessem tido em consideração a partícula, talvez tivessem sido capazes de organizar corretamente os elementos na frase, pois teriam suposto que existiria uma coordenação indiciada pelo “*e*” copulativo com valor de adição.

Na questão 1.3., os alunos 1 e 3 obtiveram a cotação máxima; enquanto o colega obteve 0 pontos por falta de resposta. Na questão 1.4., a sua ausência de pontuação advém de ter confundido análise sintática com identificação verbal. Esta é, por vezes, também uma dificuldade sentida pelos alunos na disciplina de Português: a correta identificação das classes e subclasses de palavras, bem como a distinção entre análise sintática e análise morfológica. Por sua vez, os alunos 1 e 3 não identificaram corretamente as funções sintáticas: a palavra *domum* (que desempenha a função sintática de complemento oblíquo) foi identificada como complemento direto; idêntica função foi atribuída ao sintagma *deos cunctos* (na realidade sujeito da oração infinitiva); o aluno 2, por sua vez, não indicou nenhuma função sintática⁶⁸.

A última questão do grupo 1 tinha como objetivo a tradução. As cotações obtidas representam o número de palavras corretamente identificadas pelos alunos quer no caso, quer na função sintática. Os alunos 1 e 2 apenas conseguiram identificar e traduzir corretamente “*boa e certa esperança*” como complemento direto. O aluno 3, para além desta correta identificação, traduziu a forma verbal *reporto* pela forma verbal portuguesa *reporto* que no *Dicionário de Língua Portuguesa* da Porto Editora vem rubricado como «transportar, levar para outro sítio; do latim *reportare*: levar para trás». Em seguida, apresenta-se o gráfico 1 que sintetiza a informação.

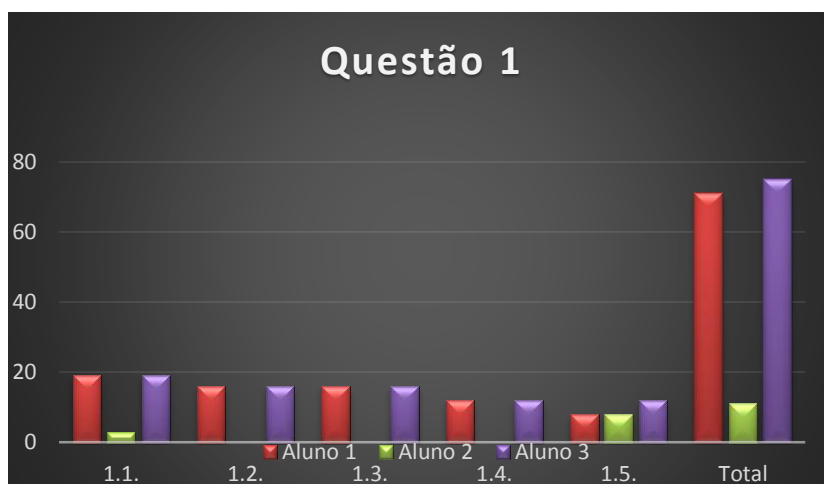


Gráfico 1 - Resultados obtidos na questão 1

⁶⁸ É de salientar que as dificuldades e as hesitações na correta identificação das funções sintáticas também são sentidas pela maioria dos alunos na disciplina de Português em todos os ciclos de ensino.

Questão 2	2.1. a)	2.1. b)	2.1. c)	2.2.	Total
Cotação	10	10	12	18	50
Aluno 1	10	10	6	6	32
Aluno 2	0	0	0	16	16
Aluno 3	10	10	2	8	30

Tabela 2- Resultados obtidos na questão 2

Em relação às alíneas a) e b) da questão 2.1., a cotação máxima foi obtida por dois alunos; mais uma vez o aluno 2 obteve 0 pontos (pois confundiu análise sintática com identificação verbal em todas as alíneas do exercício 2.1.). Na alínea c), o aluno 1 não foi capaz de identificar corretamente a função sintática de *Phoebi et Dianae*, tendo respondido “complemento indireto” em vez de “complemento determinativo de *laudes*” ou “complemento do nome *laudes*”. Esta incorreção também se verificou no exercício do aluno 3, que obteve 2 pontos (em 12), por apenas ter identificado corretamente o número do substantivo.

Os resultados obtidos na questão 2.2. espelham as dificuldades de tradução. Todos os discentes identificaram corretamente “coro” como sujeito (de *doctus est*) e “louvores” como complemento direto (de *dicere*); as restantes palavras suscitaram dúvidas. Apenas o aluno 2 traduziu *doctus [est]* por “foi ensinado”; “instruído” foi a versão escolhida pelo aluno 3, que por isso obteve metade da pontuação atribuída à forma verbal (3 pontos em 6); o aluno 1 confundiu *docere* com *dicere*, escrevendo “dizia”. A identificação do caso de *Phoebi et Dianae* foi igualmente objeto de dúvidas: os alunos 1 e 3 interpretaram como dativo/complemento indireto (a Febo e Diana) e o aluno 2 como ablativo/ complemento agente da passiva (foi ensinado por Febo e Diana).

No gráfico 2, apresentam-se os resultados da questão 2.

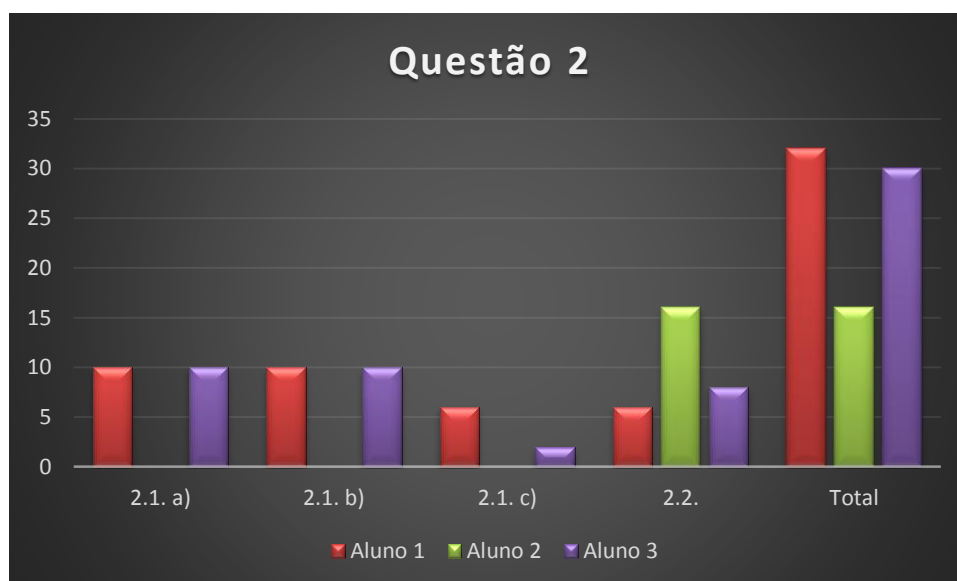


Gráfico 2 - Resultados obtidos na questão 2

4.1.3. Questão 3

Questão 3	Total
Cotação	33
Aluno 1	23
Aluno 2	10
Aluno 3	20

Tabela 3 - Resultados obtidos na questão 3

A questão 3 remete para os conteúdos culturais abordados na unidade didática, nomeadamente para o estudo do *Carmen Saeculare* de Horácio: os alunos deveriam identificar o propósito do poema e explicar em que contexto foi escrito. As classificações obtidas refletem o facto de não terem sido capazes de responder de forma completa à questão. Deveriam identificar quem encomendou o poema e com que finalidade.

No gráfico 3, figuram os resultados obtidos nesta questão.



Gráfico 3 - Resultados obtidos na questão 3

4.2. Resultados por áreas

O exercício de avaliação contempla três áreas: morfologia e sintaxe, tradução e cultura. As questões do grupo 1 (excetuando a questão 1.5.) e a questão 2.1. versam sobre morfologia e sintaxe. Os resultados obtidos neste domínio revelam que a maioria dos alunos conseguiu proceder à identificação das formas verbais, dos casos e das funções sintáticas, ainda que se tenham manifestado algumas dificuldades (que poderão revelar o esquecimento provocado pelas férias escolares ou a falta de estudo sistemático durante o 1º período).

Nas questões 1.5 e 2.2, correspondentes à tradução, evidenciaram-se maiores dificuldades, não só em identificar corretamente as formas verbais como em organizar as frases em consonância com as funções sintáticas dos seus elementos. Na resposta à pergunta de cultura, os alunos mostraram ter compreendido o contexto histórico em que o poema de Horácio se insere, embora não tenham sido capazes de responder de forma completa à questão.

4.3. Resultados globais do exercício de avaliação

	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Total
Aluno 1	71	32	23	126
Aluno 2	11	16	10	37
Aluno 3	75	30	20	125

Tabela 4 - Resultados globais

A tabela 4 sintetiza as pontuações obtidas pelos alunos em todas as questões, bem como as suas classificações finais no exercício de avaliação.

Os resultados globais da prova corroboram a impressão geral do trabalho da turma: não só a percepção durante a observação de aulas (e as informações transmitidas pela professora cooperante), mas também as classificações do teste diagnóstico e a avaliação contínua da participação dos discentes na unidade didática. A curiosidade, a motivação e o empenho claramente evidenciados por dois terços da turma justificam a diferença dos resultados.

O gráfico 4 apresenta as notas em cada um dos grupos de questões, bem como as classificações globais.



Gráfico 4 – Resultados Globais

Os resultados obtidos neste exercício de avaliação evidenciam as dificuldades na análise e tradução de um texto latino. Como forma de superar estas dificuldades, sublinha-se a insistência nas revisões de conteúdos gramaticais, com a apresentação regular de exercícios de declinação e conjugação, para ajudar a recuperar os conteúdos de morfologia necessários ao entendimento dos textos. Por outro lado, também se revela imprescindível a insistência na análise e tradução de pequenos excertos em aula. Conciliando estas duas estratégias conseguir-se-á ir dissipando as dificuldades manifestadas pelos alunos na tradução.

5. Considerações finais

Atualmente, poucas são as escolas em que existe a opção de Latim A e muito menos são as que oferecem a opção de Latim B. No entanto, só o facto de todas as línguas da Europa ocidental terem sido formadas a partir do latim, já seria razão suficiente para que o estudo desta língua fizesse parte dos programas do ensino secundário. Como defende E. Faria, *tendo sido o latim elemento preponderante na formação de todas as línguas de cultura ocidental (...), o seu estudo fornece elementos valiosos para o mais rápido e seguro conhecimento dessas mesmas línguas*⁶⁹. Estudar latim possibilita o desenvolvimento das faculdades mentais, tal como é reconhecido pela psicologia educacional e pela filosofia da educação⁷⁰. Esta disciplina contribui para melhorar o conhecimento da língua materna, ao mesmo tempo que alarga os horizontes intelectuais do estudante, fortalecendo a sua formação geral e cultural, pois conhecer o mundo antigo e as civilizações clássicas permite compreender melhor a sociedade em que se vive. O contacto com os tesouros da antiguidade romana contribui para a formação cívica e cultural e é esse o objetivo primordial da escola.

Como lembra M. H. Pecante, os professores das diferentes áreas (das Línguas Estrangeiras ao Desenho, passando pela Matemática, pela Contabilidade ou pela Física) lamentam-se da *deficiente preparação dos alunos a nível das competências linguísticas*⁷¹: não conseguem descodificar a linguagem escrita, interpretam incorretamente as questões ou nem sequer são capazes de as compreender, não dominam as estruturas sintáticas da própria língua e a expressão escrita revela ideias desordenadas. Para esta autora, *o ponto crucial é este: o aluno não sabe português. E não sabe português porque a sua aprendizagem se fez a um nível utilitário, que não ultrapassou em quase nada, se é que ultrapassou, o nível do alfabeto*⁷². Para a mesma autora, o estudo da língua-mãe capacita os alunos na compreensão da sua própria língua e, conseqüentemente, potencia a aprendizagem das Línguas Estrangeiras.

⁶⁹ E. Faria, *Introdução ao estudo da didática do Latim*. Livraria académica, Rio de Janeiro, 1959, p. 105.

⁷⁰ Idem, p. 137.

⁷¹ M. H. Pecante, "O Latim como veículo de cultura", *Colóquio sobre o ensino do Latim – Actas*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p.66

⁷² Idem, p.66.

Sendo o latim uma língua declinada, a identificação do caso é indispensável para a identificação da função sintática de cada constituinte da frase; só depois de organizar os elementos em função de uma ordem lógica e de estabelecer relações entre eles, é possível compreender o texto escrito. Assim, estudar latim fomenta *uma disciplina de pensamento, um hábito de raciocínio lógico que se irá reflectir em toda a actividade intelectual do aluno, tanto na escola em cada uma das disciplinas do currículo, como na vida profissional e, por extensão, em toda a sua vida de indivíduo e de cidadão*⁷³.

Mas, apesar da utilidade das línguas clássicas no processo de ensino-aprendizagem e de formação cultural e pessoal, -

*Um dos problemas que se põem às línguas latina e grega é que o mundo a que pertenciam originariamente já não está aí. As coisas mesmas, instituições, utensílios, acontecimentos, de que as palavras brotavam e com que se casavam foram-se definitivamente. Ficaram vestígios, traços, entre eles a própria língua que os dizia. Mas o suporte das palavras, as próprias coisas, a matéria circa quam perdeu-se no tempo.*⁷⁴

O reduzido número de alunos que frequenta a disciplina de Latim como opção não deixará de estar relacionado com o facto de muitos estudantes considerarem que se trata de uma inútil língua morta.

Parece pertinente, neste momento de conclusão de um trabalho sobre didática do latim, distinguir os conceitos de “língua morta” e “língua viva”. Uma língua morta é uma língua que existiu num determinado período, sobre a qual se conhecem alguns tesouros, mas que já não é falada (nem mesmo em grupos restritos) e que não apresenta qualquer relação com um povo ou com o mundo. Uma língua viva, por sua vez, tem de facto uma relação comprovada com um povo e com o mundo, independentemente de ser falada apenas por um grupo restrito. Língua oficial do estado do Vaticano, o latim terá um número restrito de falantes, mas como língua-mãe

⁷³ Idem, p. 65.

⁷⁴ J. Coelho Rosa, “As línguas clássicas, base de identidade cultural”, *Colóquio sobre o ensino do Latim – Actas*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 81.

das línguas românicas, é inegável a sua pervivência em cada um dos idiomas a que deu origem.

É, pois, motivo de desalento para qualquer professor de Português e de Línguas Clássicas, o exíguo espaço que o Latim ocupa atualmente no *curriculum* escolar, bem diferente daquele que ocupou em tempos, quando a disciplina era frequentada por muitos dos estudantes que seguiam humanidades. Caberá ao professor de Português colmatar a falta do Latim no *curriculum* escolar e dependerá desse mesmo professor o conhecimento e a formação dos seus alunos nas poucas referências que surgem no programa de Português de 9º ano, quando se estuda a transição do Latim para o Português.

A unidade didática aplicada (e documentada neste relatório) procurou, objetivamente, provar que o programa de 12º ano de Latim permite obter conhecimentos que enriquecerão a leitura e análise de autores da literatura portuguesa. Em muitos manuais de Português do 12º ano, a referência a Horácio é escassa e imprecisa, confinando-se, nos melhores casos, a uma página de um extensíssimo manual⁷⁵. Em conjunto com o trabalho exímio da professora cooperante, foi objetivo deste trabalho procurar colmatar a ausência de referências a autores clássicos na literatura portuguesa estudada nas escolas. Reconhecer a pervivência das obras estudadas (de Virgílio e de Horácio) na literatura portuguesa, ao longo dos séculos, atesta a imortalidade da literatura, a que Horácio alude no início de um das suas mais célebres odes: *Exegi monumentum aere perennius*⁷⁶.

⁷⁵ Veja-se, por exemplo, a escassa referência no manual de Costa Pinto, E., Fonseca, P., Saraiva Baptista, V., *Plural 12*, Lisboa, Raiz Editora, 2012, pp. 192 e 205.

⁷⁶ “Erigi um monumento mais duradouro do que o bronze” (Horácio, *Odes*, I, 30, v. 1).

Bibliografia

1. Textos

1.1. Edições e traduções de Horácio

Horácio, *Odes*, Tradução de Pedro Braga Falcão, Lisboa, Livros Cotovia, 2008.

Q. Horatii Flacci, *Opera*, ed. Stephanus Borzsac, Leipzig, Teubner, 1984.

Q. Horatii Flacci, *Opera*, ed. Eduardus C. Wickham, Oxonii, Clarendoniano, 1912, reimp. 1967.

1.2. Edições e traduções de Virgílio

P. Vergili Maronis, *Aeneidos Liber Secundus*, with a commentary by R. G. Austin, Oxford, Clarendon Press, 1973.

P. Vergili Maronis, *Bucolica, Georgica et Aeneis*, Paris, J. Petit, 1529.

Pereira, M. H. R., *Romana – Antologia da Cultura Latina*, Lisboa, Edições Asa, 2005 (5ª edição, aumentada).

Virgile, *Les Bucoliques, Les Géorgiques*, Traduction, chronologie, introduction et notes par Maurice Rat, Paris, Flammarion, 1967.

Virgile, *Bucolicas*, ed. anotada por Mariluz Ruiz de Loizaga y Víctor José Herrero, Madrid, Gredos, 1968.

1.3. Outros textos latinos

Os Feitos do Divino Augusto, tradução de M. H. R. Pereira in *Romana – Antologia da Cultura Latina*, Lisboa, Edições Asa, 2005 (5ª edição, aumentada), pp. 107-120.

Res Gestae Divi Augusti, text, translation, and commentary by Alison E. Cooley, Cambridge, Cambridge University Press, 2009.

Suetónio, *Os doze Césares*, tradução e notas de João Gaspar Simões, Lisboa, Editorial Presença, 1979.

1.4. Edições de autores portugueses

Bernardes, Diogo, *Obras Completas*, com prefácio e notas de M. Braga, Lisboa, Sá da Costa, 1946.

Bocage, *Opera Omnia*, ed. Hernâni Cidade, Lisboa, Bertrand, 1970.

Caiado, Henrique, “As éclogas de Henrique Caiado”, ed./ trad. Tomás da Rosa, *Humanitas*, vols. II e III da nova série (vols. V e VI da série contínua), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1954.

Lourenço, M. S., “Desenvolvimento”, in *Wytham Abbey*, Lisboa, Moraes Editores, 1974.

Lucena, Vasco Fernandes, “Prólogo à oração, que trasladou do Deão da Virge, embaixador do Duque Filippe de Borgonha, à morte do infante D. Pedro”, in Joseph M Piel (ed.), *Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Ifante D. Pedro*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1948.

Marquesa de Alorna/ Alcipe; *Obras Poéticas de D. Leonor D’Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza D’Alorna, Condessa D’Assumar, e D’Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844.

Miranda, Francisco de Sá de, *Obras Completas*, ed. Rodrigues Lapa, Lisboa, Sá da Costa, 2002.

Pessoa, Fernando, Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte, vol. III – *Poemas de Ricardo Reis*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994 .

Quita, Domingos dos Reis, *Obras Completas*, ed. Ana Cristina Fontes, Porto, Campo das Letras, 1999.

2. Estudos de Literatura e Cultura Romana

Cordoñer, C. (ed.), *Historia de la literatura latina*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2007.

Fedeli, P., *Storia litteraria di Roma*, Napoli, Fratelli Ferraro Editore, 2004.

Grimal, P., *O Século de Augusto*, Lisboa, Edições 70, 1997.

Grimal, P., *O Império Romano*, Lisboa, Edições 70, 2008.

Paratore, E., *História da Literatura Latina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Pereira, M. H. R., *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II – *Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

3. Estudos de Literatura e Cultura Portuguesa

Pereira, M. H. R., “Reflexos portugueses da IV Bucólica de Virgílio”, In *Virgílio e a Cultura Portuguesa – Actas do Bimilenário da Morte de Virgílio Lisboa 1981*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, temas portugueses, 1986, pp. 63-85.

Saraiva, A. J.; Lopes, O., *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2002.

Teves Costa, M. H., “Iconografia Virgiliana em Portugal”, in *memoriam Vandick L. da Nóbrega*, Rio de Janeiro, SEPE, 1985, pp. 155-240.

Ureña Prieto, M. H., “Influência Virgiliana nas Artes Decorativas em Portugal”, in *Euphrosyne – Revista de filologia Clássica Separata*, Nova Série vol. XI, Lisboa, 1981/1982, pp. 187-191.

4. Obras sobre didática Geral

Abrantes, P., “Princípios sobre currículo e avaliação”, in *Proposta de reorganização curricular do Ensino Básico (documento de trabalho)*, Lisboa, ME – Departamento de Educação Básica, 2000, pp. 5-11, disponível em <http://portaldasnac.no.sapo.pt/reor.pdf>.

Carrilho Ribeiro, L., *Avaliação da aprendizagem*, 3ª edição, Lisboa: Texto Editora, 1991.

Ferreira, M.; Santos, M., *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*, 3ª ed., Porto, Edições Afrontamento, 2000.

5. Obras sobre didática do Latim

Faria, E., *Introdução ao estudo da Didática do Latim*. Livraria académica, Rio de Janeiro, 1959.

Martins, I., “Instrumentos de ensino das línguas clássicas: uma proposta para futuros manuais escolares”. *Clássica, Boletim de pedagogia e cultura*, Nº 22, 1997, pp. 257-261.

Pecante, M. H., “O Latim como veículo de cultura”, *Colóquio sobre o ensino do Latim – Actas*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, pp. 63-67.

Rosa, J. C., “As línguas clássicas, base de identidade cultural”, *Colóquio sobre o ensino do Latim – Actas*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, pp. 79-82.

Soares, J. S., “Para uma nova didáctica das línguas clássicas – que materiais”, *Classica - Boletim de pedagogia e cultura*, Nº 22, 1997, pp. 249-255.

6. Gramáticas de Latim

Faria, E., *Gramática Superior da Língua Latina*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958.

Freire, A., *Gramática Latina*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1987.

Miranda, M. F., *Gramática Latina*, Braga, 1962.

7. Dicionários

Coelho, J. P. (coord.), *Dicionário da Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1978, vol. I.

Ernout, A. – Meillet, A., *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, Paris, Klincksieck, 1967.

Ferreira, A. G., *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, 1966; edição revista (coord. António Rodrigues de Almeida), 2008.

Gaffiot, F., *Dictionnaire Latin-Français*, Paris, Hachette, 1986.

Grimal, P., *Dicionário da mitologia grega e romana*, Lisboa, Difel, 1992.

Houaiss, A., *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2005.

Saglio, E. / Daremberg, C./ Pottier, A., *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, Hachette, 1963.

8. Manuais para o 12º ano

Borregana, A. A. , *Novo Método de Latim - 12º ano/Ensino Secundário*, Lisboa, Lisboa Editora, 2005.

Costa Pinto, E., Fonseca, P. e Saraiva Baptista, V., *Plural 12*, Português Cursos Científico-Humanísticos 12º ano Ensino Secundário, consultora científica Helena Buescu, Lisboa, Raiz Editora, 2012.

9. Materiais pedagógicos

Juvenis, setembro/outubro, ELI, 2004, p.12.

Juvenis, fevereiro, ELI, 2004, p.12.

10. Documento normativos

Ministério da Educação / Direção Geral do Ensino Básico e Secundário (2002). *Programa de Latim B 12.º ano, Curso científico – humanístico de Línguas e Literatura*, Lisboa, ME/DGEBS.

ANEXOS

ANEXO 1

Planificação global da unidade didática

Imagens de Augusto em Virgílio e Horácio:

Análise de textos e sua receção na literatura portuguesa

Competências transversais: Capacidade de observação e de análise em diversas situações; capacidade de organização e síntese; capacidade de relacionamento com o outro numa partilha de saberes e de desenvolvimento mútuo.						
Competências a desenvolver		Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias		
				Atividades	Recursos	Avaliação
Língua	<p>Capacidade de leitura de um texto latino de pequena ou média extensão e apropriação do sentido global;</p> <p>Conhecimento e aplicação do léxico latino que permita resolver questões de etimologia da língua portuguesa, num alargamento e enriquecimento da língua materna;</p> <p>Capacidade de aperfeiçoamento da estruturação do discurso em língua materna pelo conhecimento das estruturas da língua latina e pela prática de transposição de um código linguístico para outro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar um texto sob o ponto de vista linguístico, - Traduzir com correção, - Estabelecer relações entre a língua e a literatura, - Desenvolver e aprofundar os conteúdos linguísticos. 	<p>Funcionamento da língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sintaxe e Morfologia, - Funções dos constituintes da frase, - Classes de Palavras, - Léxico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tradução de pequenos passos, - Análise das estruturas morfossintáticas, - Exploração do vocabulário 	<p>Dicionário de Latim-Português,</p> <p>Gramática da língua latina,</p> <p>Fichas de trabalho,</p> <p>Quadro,</p> <p>Computador</p>	<p>- Contínua e Sistemática:</p>

Literatura	<p>Conhecimento de aspetos essenciais da literatura latina e capacidade de os relacionar com a literatura portuguesa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ao nível das estruturas textuais, - ao nível temático, - ao nível cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler autores pertencentes ao círculo de Mecenas e com grande representatividade no século de Augusto, - Contactar com os textos escolhidos no original e em tradução, - Compreender a importância dos poemas estudados para a literatura latina, - Compreender a influência da literatura latina na literatura portuguesa, - Comparar textos latinos com textos portugueses. 	<p>Manifestações literárias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o círculo de Mecenas, - principais autores e obras, <p>Seleção de textos de:</p> <p>Virgílio: <i>Bucólicas</i> I e IV ;</p> <p>Horácio: <i>Carmen Saeculare</i>.</p> <p>Textos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - em tradução, - em latim. <p>Relação com a literatura portuguesa:</p> <p>bucólicos portugueses,</p> <p>Ricardo Reis.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura global, - Comentário literário, - Relação com textos da literatura portuguesa que revelam a influência latina. 	<p>Textos originais,</p> <p>Textos em tradução.</p>	<p>Pontualidade,</p> <p>Assiduidade,</p> <p>Participação,</p> <p>Interesse demonstrado,</p>
------------	---	---	--	--	---	---

Cultura/ Civilização	Capacidade de apreciação de obras de arte do passado em qualquer local ou situação.	<ul style="list-style-type: none"> - Integrar um texto na época da sua produção, - Comentar um texto tendo em conta a cultura que o enforma e os valores que transmite, - Refletir sobre a permanência dos valores da antiguidade clássica na cultura portuguesa, - Concluir do contributo da cultura clássica na formação do cidadão. 	<p>O Século de Augusto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a <i>Pax Romana</i>, - a glorificação do império, - os espetáculos: os Jogos Seculares 			<ul style="list-style-type: none"> - Diagnóstico (Ficha de diagnóstico) - Formativa (Fichas de trabalho) - Sumativa (Exercício final)
----------------------	---	--	---	--	--	--

ANEXO 2

Ficha de trabalho 1 - Ficha de diagnóstico

Grelha de correção

Crucigrama de cultura latina



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Nome: _____ Data: _____ Avaliação: _____

Ficha de trabalho I

Eneias chegou a Cartago, ao reino de Dido. Durante um banquete,
a Rainha pediu-lhe que contasse a sua história.

*Conticuere omnes intentique ora tenebant.
Inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto:
«Infandum, Regina, iubes renouare dolorem.»*

Virgílio, *Eneida*, II, 1-3



“Eneias fala a Dido sobre a queda de Troia,”

por Pierre-Narcisse Guérin(1774-1833).
Paris, Museu do Louvre.

Vocabulário:

conticesco, is, ere, ticui – parar de falar, calar-se

ordior, iris, iri, orsus sum - começar

os, oris (n.) - palavra

teneo, es, ere, tenui, tentum – manter, reter, conter

1. Conticuere omnes intentique ora tenebant.

1.1. Identifica a forma verbal sublinhada.

1.2. Transcreve o seu sujeito.

2. «*Infandum, Regina, iubes renouare dolorem*»

2.1. Quem proferiu estas palavras?

2.2. A quem se dirigem estas palavras? Transcreve o vocativo.

2.3. Onde se encontrava o emissor? Transcreve as palavras em que fundamentas a tua resposta.

3. Indica duas palavras etimologicamente relacionadas com os vocábulos:

a) *omnes* _____

b) *intenti* _____

c) *tenebant* _____

d) *infandum* _____

4. Comenta a designação «*Pater Aeneas*».

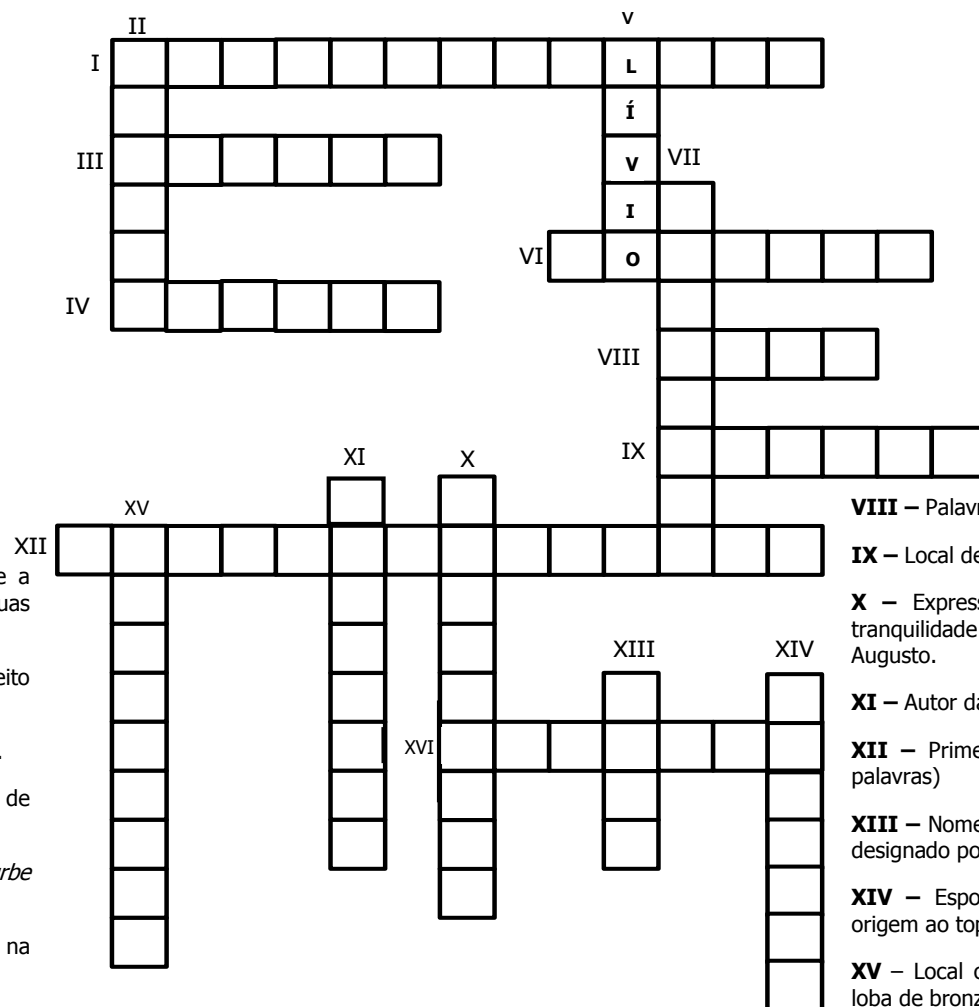
5. Traduz o texto.

Grelha de correção

Questão	Resposta	Pontuação
1.1.	3ª Pessoa (4) do plural (4), pretérito perfeito (8) do indicativo (4), voz ativa (2), verbo <i>conticesco, is, ere, ticui</i> (8).	30
1.2.	<i>Omnes.</i>	10
2.1.	Eneias.	10
2.2.	Eneias dirige-se à Rainha Dido: (10) « <i>Regina</i> » (10) (verso 3).	20
2.3.	No seu alto leito (10) « <i>Ab alto toro</i> » (10) (verso 2).	20
3.	a) onisciente (4), omnívoro (4) ; b) intenção (4), atenção (4) ; c) manter (4), sustar (4); d) infante (4), infantil (4)	32
4.	Depois de ter combatido com bravura na guerra de Troia, Eneias partiu para o Lácio, onde mais tarde Rómulo viria a fundar a cidade de Roma.	20
5.	Conticuere (6) omnes (2) intenti (2) que (2) ora (2) tenebant (6). Inde (2) toro (2) pater (2) Aenas (2) sic (2) orsus (6) ab alto (4): «Infandum (2), Regina (2), Iubes (6) renouare (6) dolorem (2)». Todos (2) se calaram (6) e (2) atentos (2) contiveram (6) as palavras (2). Então (2), do alto do seu leito (6), o pai Eneias (4) começou (6) [a falar] assim (2): «Ó Rainha (2), mandas (6) renovar (6) uma dor (2) inefável (2)».	58
		200



CRUCIGRAMA DE CULTURA LATINA



I – Nome atribuído à figura que exerce a autoridade máxima no seio familiar. (duas palavras)

II – Palavra latina que se refere ao respeito pelos Deuses.

III - Herói que veio de Troia para o Lácio.

IV – Nome pelo qual é conhecido o tempo de Augusto.

V – Historiador Romano autor de *Ab urbe condita*.

VI – Poeta romano cuja influência se nota na obra de Ricardo Reis.

VII – Qualidade romana que significa carácter, honra e associação entre inteligência e coração.

VIII – Palavra latina que significa cidade.

IX – Local de culto a uma divindade.

X – Expressão utilizada para designar a tranquilidade do império no tempo de Augusto.

XI – Autor da *Eneida*.

XII – Primeiro Imperador Romano. (duas palavras)

XIII – Nome que os Gregos davam ao deus designado por Júpiter em Roma.

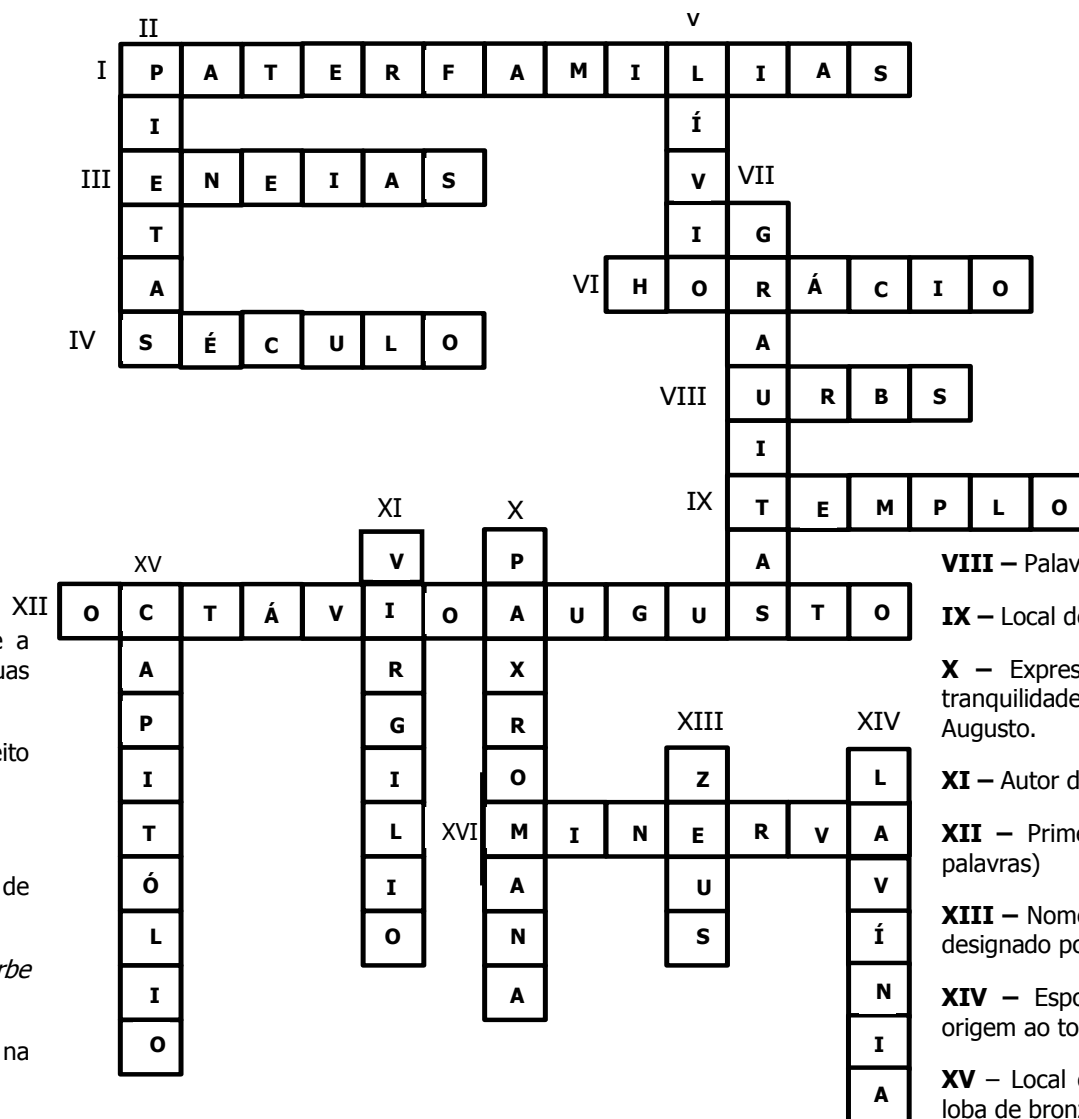
XIV – Esposa de Eneias cujo nome deu origem ao topónimo *Lavinium*.

XV – Local onde foi colocado o símbolo da loba de bronze.

XVI – Nome latino da divindade a quem os Gregos chamavam Atena.



CRUCIGRAMA DE CULTURA LATINA



I – Nome atribuído à figura que exerce a autoridade máxima no seio familiar. (duas palavras)

II – Palavra latina que se refere ao respeito pelos Deuses.

III - Herói que veio de Troia para o Lácio.

IV – Nome pelo qual é conhecido o tempo de Augusto.

V – Historiador Romano autor de *Ab urbe condita*.

VI – Poeta romano cuja influência se nota na obra de Ricardo Reis.

VII – Qualidade romana que significa carácter, honra e associação entre inteligência e coração.

VIII – Palavra latina que significa cidade.

IX – Local de culto a uma divindade.

X – Expressão utilizada para designar a tranquilidade do império no tempo de Augusto.

XI – Autor da *Eneida*.

XII – Primeiro Imperador Romano. (duas palavras)

XIII – Nome que os Gregos davam ao deus designado por Júpiter em Roma.

XIV – Esposa de Eneias cujo nome deu origem ao topónimo *Lavinium*.

XV – Local onde foi colocado o símbolo da loba de bronze.

XVI – Nome latino da divindade a quem os Gregos chamavam Atena.

ANEXO 3

Plano de aula 1

Powerpoint

Ficha de trabalho 2

Grelha de correção

Plano de aula

12º Ano – Latim B

Aula 1 – 17 de novembro de 2014

Sumário:

Recolha da ficha de trabalho 1 (enviada como trabalho de casa).

Visualização de um *powerpoint* de contextualização sobre o século de Augusto e sobre Virgílio.

Introdução ao estudo da *Bucólica I*. Leitura e tradução de alguns versos do poema.

Objetivos específicos

- Mobilizar conteúdos prévios;
- Contextualizar o século de Augusto;
- Antecipar conteúdos a trabalhar no decorrer das aulas;
- Ler e traduzir passos da *Bucólica I*;
- Desenvolver e consolidar conhecimentos linguísticos;
- Reconhecer a imagem do imperador no poema virgiliano.

Atividades desenvolvidas	Recursos	Tempo
Recolha da ficha de trabalho 1.	Computador e projetor.	5 Minutos
Projeção de diapositivos sobre o século de Augusto e sobre Virgílio.		15 Minutos
Distribuição da ficha de trabalho 2 e de uma tradução da <i>Bucólica I</i> .	Fichas de trabalho.	60 Minutos
Leitura, análise e tradução dos versos 6-7; 19-20; 24-25.	Dicionário, gramática, lápis, borracha e quadro.	
Resolução da ficha de trabalho 2.		10 Minutos
Esclarecimento de dúvidas.		

«O SÉCULO DE AUGUSTO»

VIRTUS, CLEMENTIA, IUSTITIA, PIETAS

Parte I

OCTAVIVS AVGVSTVS

Governou 40 anos
(27 a.C – 14 d.C.)

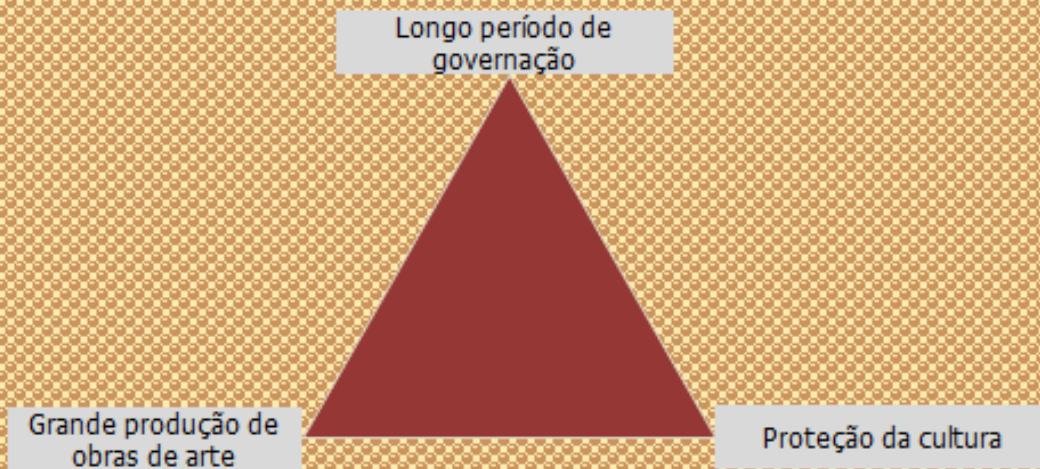
Princeps senatus

Res gestae Divi Augusti



Augusto de Prima Porta, Museo Vaticano, Roma

« Século de Augusto»: Tríplice razão



Obras de Augusto

Redução do poder do senado

Criação artística e literária

Pax romana ou augusta

Assegurou a publicação da Eneida

Valorização do exército

Criação de bibliotecas

Guarda Pretoriana

Construção e restauro de edifícios

Criação de serviços oficiais

Incentivou o regresso à terra



Busto de Augusto, Glíptoteca de Munique

Apogeu artístico

Recriação do Foro de Augusto



Foro Romano

«OS POETAS QUE CANTARAM AUGUSTO»

PÚBLIO VIRGÍLIO MARÃO

Nasceu em 70 a.C.

Nasceu em Andes
(próximo de Mântua)

Estudou filosofia e
retórica

Protegido por
Mecenas



Bucólicas
(entre 42 a.C. e 38 a.C.)

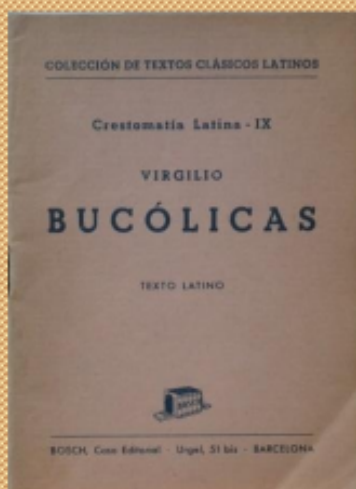
Geórgicas
(29 a.C.)

Enéida
(inacabada 23 a.C.)

Morreu em 19 a.C.

Virgílio e as Musas (mosaico). Museu do Bardo.

BUCÓLICAS



Bucólicas < lat. *bucolicus*, a, um
< gr. *Boukolikos* (< *boukolos* - o que
cuida dos bois, cf. latim *colo*) – relativo
a boieiros, a pastores; bucólico,
pastoril.

Bucólicas I e IV

I – O pastor Melibeu
perde as suas terras,
enquanto Tíro
conserva as suas.

IV – Nascimento de
um menino que trará
consigo uma idade do
ouro.



Bucólica I, *Títiro e Melibeu.*

Gravura da edição parisisina de 1529 das *Bucólicas, Geórgicas e Eneida*

Títiro e Melibeu dialogam, vestidos, não com trajes latinos, mas com o vestuário usado no século XVI. Avistam-se, ao fundo, construções próprias da arquitetura da Europa Central contemporânea desta edição de Virgílio. Títiro não toca a flauta de Pã, mas uma gaita de foles.



Quadro alusivo à Buc. IV de Virgílio. Azulejo da Universidade de Évora. Séc. XVIII

Vários painéis de azulejo adornam as paredes do edifício da Universidade de Évora. Na sala 5 figura este painel inspirado na IV Bucólica, cujo centro é ocupado pela figura de Virgílio, coroado de louros, com Polião à sua esquerda e, entre os dois, deitada num berço pousado no chão, uma criança, cujo nome se pode ler facilmente: Salustianus.

QVINTVS HORATIVVS FLACCVS



Quem foi?
Quando e onde nasceu?
Que profissão exerceu?
Que atividades exerceu?
Que obras escreveu?

Horácio, gravura de Nicolas Poussin (1594-1665), *Frontispício de Quinti Horati Flacci Opera*, Paris, Claude Mellan, 1642.



Mapa - Itália Primitiva

Retirado de: Rocha Pereira (2002), *Estudos de História da Cultura Clássica II*, Volume - Cultura Romana, 3ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Horácio

Nasceu a 8 de dezembro de 65 a.C. em Venusia

Filho de um cobrador de impostos na hasta pública

Único poeta latino que fala do próprio pai com bastante afeto

Educação baseada na formação moral, estudos de gramática e retórica

OPERA de Horácio

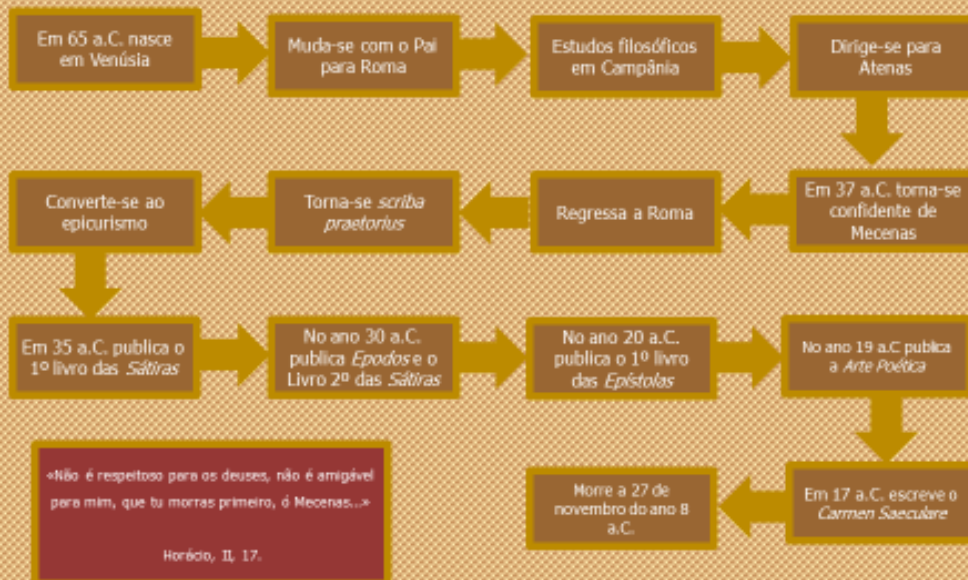


O *Carmen Saeculare* foi composto por Horácio para conduzir a atividade religiosa dos Jogos Seculares de 17 a.C.

O que eram, afinal, os Jogos Seculares?



Acompanhando o percurso de Horácio



Jogos Seculares

Antes de
Augusto

Festas e jogos

Dedicados a divindades infernais ou ctônicas

De 110 em 110 anos

Primeiros jogos em 249 a.C.

Noção de "século"

Guerra Civil: cancelamento dos jogos

Jogos Seculares

Augusto

17 a.C.

Celebrar a época de Augusto

Celebrar a eternidade da *Urbe*

Celebrar as divindades

Entre 31 e maio e 3 de junho

Atas descobertas no séc. XIX

Jogos cénicos e circenses

Coro de
27 rapazes e 27 raparigas

Júpiter e Juno

Diana e Apolo

Meras, Ilítia e Terra
Mater

Patrimi et matrimi

Cântico Secular

QVINTVS HORATIVS FLACCVS



Horácio (www.infopedia.pt/%7Ehoracio)

Nasceu em Venúsia no ano 65 a.C.
É um dos maiores poetas da
antiguidade clássica no tempo de
Augusto.
Influenciou muitos escritores e
poetas ao longo dos séculos.



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.^a Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

O pastor exilado

MELIBEU

À sombra de copada faia reclinado,
modulas, ó Títiro, na branda flauta a Musa campestre;
e nós deixamos a terra pátria e os doces campos.
Nós fugimos da pátria; e tu, ó Títiro, quieto à sombra,
ensinas às florestas a ecoar da bela Amarílis o nome.

TÍTIRO

Foi um deus, ó Melibeu, quem nos outorgou tais lazeres.
Pois um deus será ele sempre para mim, e suas aras
amiúde há-de imbuí-las o sangue de tenro anho do nosso redil.
Foi ele que me permitiu, como vês, que as vacas andassem à solta
e eu tocasse a gosto no meu cálamio agreste.

MELIBEU

Por mim não te invejo, antes me admiro: de todos os lados,
é tamanho nos campos o desassossego, e eu mesmo
a custo faço andar as cabras; esta, então, ó Títiro, mal posso levá-la.

Aqui, entre as espessas aveleiras, acaba de parir duas crias,
esperança do rebanho, mas deixou-as, ai! na rocha nua!
Esta desgraça, não fora a mente avessa, e muitas vezes
me lembro que a prenunciou o cair do raio celeste nos robles.
Mas quem seja esse deus, dá-no-lo, ó Títiro, a saber.

TÍTIRO

A cidade a que chamam Roma, pensei, ó Melibeu,
- tolo que eu era! – fosse igual a esta nossa, onde nós, pastores,
tanta vez levamos as tenras crias, às ovelhas tiradas.
Assim como sabia que os cachorrinhos c'os cães se parecem,
co'as mães os cabritos, assim comparava grandes a pequenas coisas.
Mas esta de tal modo entre as outras cidades ergue a cabeça,
quanto os ciprestes o fazem entre os flexíveis viburnos.

MELIBEU

E que motivo tamanho te levou a ver Roma?

TÍTIRO

A liberdade, que, tardando embora, olhou para a minha inércia,
quando já a barba me caía cada vez mais branca, ao ser cortada;
mas olhou-me, e chegou, ao fim de longo tempo,
desde que Amarílis nos possui, e Galateia nos deixou.
Pois – confesso-o – enquanto Galateia me dominava,

não esperava ser livre, nem cuidava do pecúlio.

Dos meus redís saíam, contudo, muitas vítimas,
e muitos eram os pingues queijos que para a cidade avara fazia,
mas jamais o dinheiro me pesava nas mãos, na volta a casa.

MELIBEU

Perguntava-me por que invocavas os deuses, ó Amarílis, tão triste,
e para quem deixavas pender nas árvores os frutos.
Era Títiro que estava ausente. Até os pinheiros, ó Títiro,
até as fontes, até estes arbustos por ti chamavam.

TÍTIRO

Que fazer? Nem me era dado sair da escravidão,
nem conhecer alhures tão benévolos deuses.
Foi lá que eu vi o jovem, Melibeú, para quem todos os anos
os nossos altares fumegavam por doze vezes.
Foi lá que ele deu logo resposta à minha prece;
«Fazei pascor as vacas como dantes, moços! Criai os touros.»

MELIBEU

Afortunado ancião, então os campos ficarão na tua posse!
E chegam bem para ti, conquanto a rocha nua e os paúis
com seu junco limoso obstruam todas as pastagens.
Pastos desacostumados não porão à prova as fêmeas prenhes,
nem sofrerão contágios malsãos do gado vizinho.

Afortunado ancião, aqui, entre os rios conhecidos
e as sacras fontes, procurarás a fresca sombra.
Deste lado, como sempre, a sebe do campo vizinho,
com abelhas hibleias a libar suas flores de salgueiro,
com seu suave sussurro muita vez te induzirá ao sono.
Daquele, junto de alta rocha o podador elevará seus cantos nos ares,
enquanto as roucas pombas dos teus encantos, e, no alto ulmeiro,
a toutinegra, não cessarão o seu gemido.

TÍTIRO

Mais fácil será, pois, que no éter pastem os cervos
e que as ondas deixem na praia os peixes em seco,
que, vagueando fora da terra de ambos, no exílio,
o Parto beba das águas do Sona ou o Germano das do Tigre,
do que apagar-se o seu vulto no nosso peito.

MELIBEU

Mas nós iremos daqui, uns para os Afros sequiosos,
outros chegaremos à Cítia e ao Oaxes⁷⁷, torrente espumante de greda,
e aos Bretões de todo o orbe sequestrados.
Acaso algum dia, ao fim de muito tempo, a terra pátria
verei, e o telhado da pobre choupana coberto de colmo,
e poderei depois admirar as espigas, tudo isso que é o meu reino?
Um ímpio soldado será dono de tão cuidadas leiras,

⁷⁷ Rio de Creta.

um bárbaro terá estas searas! Eis aonde a discórdia
arrastou os míseros concidadãos! Para esses semeámos os campos!
Enxerta agora, Melibeu, as pereiras, dispõe em ordem as vides.
Ide, meu rebanho outrora feliz, ide, minhas cabrinhas.
Não mais, estendido na gruta verdejante, vos verei de longe
agarradas à rocha; cantos, não mais entoarei; com este pastor, cabrinhas,
não colhereis o cítiso florido nem os salgueiros amargos.

TÍTIRO

Podias, contudo, aqui repousar comigo esta noite,
sobre a verde folhagem; temos doces pomos,
moles castanhas e queijo fresco à discrição.
E já ao longe fumegam dos casais os cimos dos telhados
e da altura dos montes caem as sombras, cada vez maiores.

Virgílio, *Bucólica* I

Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Romana – Antologia da cultura latina*, Porto, Editora ASA, 2005 (5ª Edição), pp. 121-124.



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Ficha de trabalho II

O pastor Melibeus foi obrigado a abandonar as terras que lhe tinham sido confiscadas.
Títo conseguiu manter as suas.

Parte I:

Titus: *O Melibeus, deus nobis haec otia fecit,
namque erit ille mihi semper deus (...)*

Virgílio, *Bucólicas*, I, 6-7

1. *O Melibeus, deus nobis haec otia fecit.*

1.1. Identifica a forma verbal sublinhada.

1.2. A quem se dirigem estas palavras? Transcreve o vocativo.

1.3. Identifica o caso e a função sintática de *otia*.

1.4. Qual é a palavra que concorda com *otia*?

1.5. Traduz o verso.

2. ... *namque erit ille mihi semper deus.*

2.1. Identifica a forma verbal.

2.2. Transcreve o sujeito dessa forma verbal.

2.3. Identifica o caso e a função sintática de *deus*.

2.4. Traduz o verso.

Parte II:

Tityrus: *Vrbem quam dicunt Romam, Meliboeae, putavi*

stultus ego huic nostrae similem (...)

Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes,

quantum lenta solent inter viburna cupressi.

Virgílio, *Bucólicas*, I, 19-20; 24-25

1. *Vrbem quam dicunt Romam, Meliboeae, putavi/ stultus ego [esse] huic nostrae similem.*

1.1. Identifica a forma verbal *putavi*.

1.2. Transcreve e classifica a oração dependente de *putavi*.

1.3. Preenche o seguinte quadro:

	Caso	Função sintática
<i>urbem</i>		
<i>similem</i>		

1.4. Considera a oração "*quam dicunt Romam*".

A forma *quam* (do pronome _____ que se enuncia _____) introduz uma oração _____. *Quam* encontra-se no género _____ e no número _____ porque concorda com o referente/ antecedente _____; está no caso _____ porque desempenha a função sintática de _____ da forma verbal *dicunt*.

1.5. Traduz a sequência analisada.

2. *Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes quantum lenta solent inter uiburna cupressi.*

2.1. Identifica as formas verbais:

a) *extulit* _____

b) *solent* _____

2.2. Títiro estabelece uma comparação.

<i>Tantum</i>	_____	<i>extulit</i>	_____	<i>Inter (+ acusativo)</i> _____
<i>Quantum</i>	_____	<i>solent</i>		<i>Inter (+ acusativo)</i> _____
Sujeito		Verbo	C. Direto	<i>Inter (+ acusativo)</i>

2.3. Traduz os dois versos analisados.

3. Indica palavras portuguesas em que figurem os seguintes étimos latinos:

a) *urbem* _____

b) *inter* _____

4. Neste diálogo, Títiro atribui a um deus a sua sorte e enaltece Roma. Comenta estas alusões com base no que já sabes sobre o século de Augusto.

Grelha de Correção

	Questão	Resposta
Parte I	1.1.	3ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo, voz ativa, verbo <i>facio, is, ere, feci, factum</i> .
	1.2.	Estas palavras dirigem-se a Melibeus: <i>O Meliboeus</i> .
	1.3.	Acusativo do plural, complemento direto.
	1.4.	A palavra que concorda com <i>otia</i> é <i>haec</i> .
	1.5.	Ó Melibeus, um deus nos fez/ deu estes lazes/ esta vida tranquila.
	2.1.	<i>Erit</i> – 3ª pessoa do singular, futuro imperfeito (voz ativa), verbo <i>sum, es, esse, fui</i> .
	2.2.	<i>Ille</i> .
	2.3.	Nominativo do singular, predicativo do sujeito.
	2.4.	Pois, para mim ele será sempre um deus.
Parte II	1.1.	1ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo, voz ativa, verbo <i>puto, as, are, aui, atum</i> .
	1.2.	A oração dependente de <i>putaui</i> é <i>urbem (esse) huic nostrae similem</i> – oração subordinada completiva infinitiva.
	1.3.	Acusativo do singular, sujeito de uma oração infinitiva; Acusativo do singular, predicativo do sujeito de uma oração infinitiva.
	1.4.	Relativo; <i>qui quae quod</i> ; subordinada adjetiva relativa; feminino; singular; <i>urbem</i> ; acusativo; complemento direto.
	1.5.	A cidade a que chamam Roma, ó Melibeus, pensei ser semelhante à nossa.
	2.1.	a) 3ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo, voz ativa, verbo <i>effero, fers, ferre, extuli, elatum extollo, is, ere, tuli</i> . b) 3ª pessoa do plural, presente do indicativo, voz ativa, verbo <i>soleo, es, ere, solitus sum</i> .
	2.2.	<i>Haec, caput, alias urbes, Cupressi, viburna lenta</i> .
	2.3.	Mas, na verdade, esta cidade ergue a cabeça entre as outras cidades, do mesmo modo que os ciprestes o fazem entre os flexíveis viburnos.
	3.	a) urbano, urbanizar, urbanização, b) interligação, interagir, interação.
	4.	Augusto marca uma nova época na civilização romana. Com ele surgem mudanças a vários níveis. Virgílio utiliza o vocábulo <i>deus</i> porque Augusto era visto desse modo por todos os seus feitos e era, então, a esperança do povo romano. Por se sentir grato, Títo chama “deus” ao imperador que lhe permitiu manter as suas terras, embora Augusto ainda não tivesse sido divinizado.

ANEXO 4

Planos de aula 2 e 3

Ficha de trabalho III

Grelha de correção

Documentos de apoio

Plano de aula

12º Ano – Latim B

Aula 2 – 19 de novembro de 2014

Sumário:

Leitura, análise e tradução dos versos 46-49 da *Bucólica IV*.

Resolução da ficha de trabalho 3.

Objetivos específicos

- Mobilizar conteúdos prévios;
- Ler e traduzir passos da *Bucólica IV*;
- Desenvolver e consolidar conhecimentos linguísticos.

Atividades desenvolvidas	Recursos	Tempo
Distribuição de uma ficha de apoio sobre as <i>Parcas</i> .	Documento de apoio.	5 Minutos
Distribuição da ficha de trabalho 3 acompanhada de uma tradução da <i>Bucólica IV</i> .		
Leitura, análise e tradução dos versos 46-49.	Fichas de trabalho.	80 Minutos
Esclarecimento de dúvidas.	Dicionário, gramática, lápis, borracha e quadro.	5 Minutos

Plano de aula

12º Ano – Latim B

Aula 3 – 24 de novembro de 2014

Sumário:

Conclusão da ficha de trabalho 3.

O mistério do menino da *Bucólica IV*: apresentação de hipóteses.

Leitura e comentário de excertos de bucólicos portugueses: comparação com as *Bucólicas I e IV*.

Objetivos específicos

- Mobilizar conteúdos prévios;
- Concluir a leitura e tradução de passos da *Bucólica IV*;
- Concluir a ficha de trabalho 3;
- Desenvolver e consolidar conhecimentos linguísticos;
- Apresentar hipóteses de identificação da criança anunciada no poema de Virgílio;
- Verificar ecos da influência dos textos latinos estudados, na literatura portuguesa.

Atividades desenvolvidas	Recursos	Tempo
Conclusão da resolução da ficha de trabalho 3.	Dicionário, gramática, lápis, borracha e quadro.	25 Minutos
Apresentação de hipóteses para identificar o menino anunciado na <i>Bucólica IV</i> de Virgílio.	Imagem do azulejo de Évora sobre a <i>Bucólica IV</i> .	10 Minutos
Distribuição de um fascículo com poemas de bucólicos portugueses.	Fascículo “Ecos das <i>Bucólicas I e IV</i> de Virgílio na Literatura Portuguesa”	5 Minutos
Leitura e comparação dos conteúdos dos poemas portugueses selecionados com os poemas latinos estudados.		40 Minutos
Esclarecimento de dúvidas.		10 Minutos



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.^a Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

A era messiânica

Musas da Sicília, elevemos um pouco nossos cantos!

Não aprazem a todos os arbustos e os humildes tamarindos.

Se cantamos as florestas, que as florestas sejam dignas de um cônsul.

Chegou já a última época dos oráculos de Cumas (1).

Renasce de raiz a grande sucessão dos séculos.

Eis que volta já a Virgem, volta o reino de Saturno (2),

e já do alto dos céus desce uma nova geração.

Favorece, ó casta Lucina (3), o menino a nascer; com ele cessará

a idade do ferro, e em todo o mundo surgirá desde logo

a de ouro. Reina já o teu caro Apolo.

É contigo, Polião (4), no teu consulado, que terá início

a honra desta era, e começarão a avançar os meses grandiosos

sob a tua direcção. Se alguns vestígios restarem de nossos crimes,

desvanecer-se-ão, libertando a terra de um temor incessante.

Esse menino receberá uma vida divina, e verá entre os deuses

os heróis misturados; ele mesmo será visto por aqueles,

e governará o orbe pacificado pelas paternas virtudes.

Sem ser cultivada, a terra será a primeira a dar-te de prenda,

menino, as coleantes heras no meio do bácaro (5),

derramando a colocásia (6) à mistura com o ridente acanto.

Por si mesmas, as cabras virão trazer a casa

os úberes tensos de leite, e aos leões enormes não temerão os rebanhos.

Por si, o teu berço espalhará mimosas flores.

Morrerá a serpente, e a erva venenosa, falaz,
morrerá. A esmo (7) há-de nascer o amomo da Assíria.

Ao tempo em que já puderes ler o elogio dos heróis
e os paternos feitos, e compreender o que é o valor,
aos poucos o campo lourejará de espigas flexíveis
e das silvas penderão rubros cachos,

e dos carvalhos duros exsudará o rocio (8) do mel.

Restarão no entanto alguns vestígios dos erros primevos,
que impelirão os homens a sulcar em barcos as águas de Tétis (9),
a cingir de muralhas as cidades, a cavar sulcos na terra.

Haverá então outro Tífis (10) e outra Argos (11) que transporte
a fina-flor dos heróis; haverá também outras guerras,
e de novo será enviado a Tróia o magno Aquiles (12).

Depois, quando a força da idade te fizer varão,
o navegante, espontâneo, se retirará do mar; o lenho flutuante
não andará a mercadejar; todo o terreno produzirá todos os bens.

O solo não sofrerá com o arado, nem a videira com a podoa;
o lavrador robusto desligará também o jugo aos touros,
e a lã não mais aprenderá a falsidade da mudança de cor,
mas por si mesmo o carneiro nos prados transformará o seu velo,
ora com a púrpura delicada, ora com o açafraão.

Espontaneamente, o escarlate revestirá os cordeiros no pastio.

«Correi a fiar tais séculos» – a seus fusos disseram
as Parcas, em consonância com a decisão firme dos fados.

Caminha, ó cara progénie divina, para as honrarias,
que já é tempo, ó rebento magnífico de Jove!

Olha o mundo a oscilar na abóboda celeste,
as terras, a extensão do mar, a profundidade do céu.

Olha como tudo se compraz com o século vindouro!

Oh! Que então me reste a última parte de uma longa vida,
e inspiração bastante para cantar os teus feitos!
Não me vencerá o canto o trácio Orfeu (13),
nem Lino, ainda que àquele assista a mãe, a este o pai
- Calíope (14) a Orfeu; a Lino (15), o formoso Apolo.
Até Pã (16), se contender comigo, com a Arcádia (17) por juiz,
até Pã dirá, com a Arcádia por juiz, que ficou vencido.
Começa, pequenino, a conhecer no riso a tua mãe;
à mãe causaram os dez meses longos sofrimentos.
Começa, pequenino! Quem para a mãe não sorriu, a esse
não o julgou digno o deus da sua mesa, a deusa do seu leito.

Virgílio, Bucólica IV

Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Romana – Antologia da cultura latina*, Porto, Editora ASA, 2005 (5ª Edição), pp. 124-127.

Notas ao texto:

- (1) A Sibila de Cumas, na Campânia, era a sacerdotisa incumbida de transmitir os oráculos de Apolo. Durante a República e até ao tempo de Augusto, os "livros sibilinos" exerceram uma grande influência na religião romana. Eram consultados em caso de desgraças, prodígios ou acontecimentos extraordinários.
- (2) Deus itálico muito antigo, que foi identificado como Crono. Destronado por Zeus, expulso do Olimpo, foi para Itália e instalou-se no Capitólio, no local da futura Roma, onde fundou uma povoação denominada *Saturnia*. O reinado de Saturno no Lácio foi um período de grande prosperidade, uma idade de ouro. A origem do topónimo *Lácio* é relacionada com o facto de Saturno aí se ter escondido (*Latium < latuerat*).
- (3) Divindade que, entre os Romanos, presidia aos partos, identificada com Diana.
- (4) Cônsul Asínio Polião (76 a.C.- 4 d.C.).
- (5) Planta que os Romanos usavam na confecção de coroas para laurear os poetas.
- (6) Fava do Egito.
- (7) Ao acaso.
- (8) Orvalho.
- (9) Ninfa do mar e mãe de Aquiles.
- (10) Primeiro piloto do navio dos Argonautas.
- (11) Nau que participou na expedição de Jasão e dos Argonautas, em busca do velo de ouro.
- (12) Filho de Peleu e da ninfa Tétis, Aquiles foi um herói grego de notável importância na guerra de Troia.
- (13) Filho de Calíope, Orfeu era um talentoso poeta e tocador de lira e cítara, que habitava perto do Olimpo. Sabia cantar melodias tão suaves que até as feras o seguiam e os mais rudes homens se impressionavam ao ouvi-lo.
- (14) Calíope é geralmente considerada a primeira das musas em matéria de dignidade, sendo-lhe atribuída a poesia épica.
- (15) Cantor célebre, inventor do ritmo e da melodia.
- (16) Pã é um deus dos pastores e dos rebanhos, oriundo da Arcádia. A siringa é um dos seus atributos.
- (17) Planalto da Grécia que em poesia se tornou o símbolo da simplicidade pastoril.



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Ficha de trabalho III

As Parcas teceram o nascimento de um menino associado a uma nova idade do ouro.

'Talia saecla' suis dixerunt 'currite' fusis

concordes stabili fatorum numine Parcae.

Adgredero o magnos – aderit iam tempus – honores,

cara deum suboles, magnum Iouis incrementum!

Virgílio, Bucólicas, IV, 46-49

1. *'Talia saecla' suis dixerunt 'currite' fusis /concordes stabili fatorum numine Parcae.*

1.1. Identifica a forma verbal *dixerunt*.

1.2. Transcreve o seu sujeito.

1.3. Indica o caso e a função sintática de:

a) *suis fusis* _____

b) *concordes* _____

c) *fatorum* _____

1.4. Indica palavras etimologicamente relacionadas com:

a) *fatorum* _____

b) *concordes* _____

1.5. Identifica a forma verbal *currite*.

1.6. Indica o caso e a função sintática de *talía saecla*.

1.7. Traduz os versos transcritos em 1.

2. *Adgredere o magnos – aderit iam tempus – honores, / cara deum⁽¹⁾ suboles, magnum Iouis incrementum!*

2.1. Identifica a forma verbal sublinhada.

2.2. O verbo *adgredior* (ou *aggredior*) é um verbo de movimento e constrói-se com um acusativo que indica movimento. Transcreve-o.

2.3. Identifica o caso e a função sintática de:

a) *cara suboles* _____

b) *magnum incrementum* _____

2.4. Traduz os versos.

3. De que profecia fala o poeta?

4. Comenta a expressão «*Currite talía saecla*».

⁽¹⁾ *Deum* = *Deorum*.

Grelha de Correção

Questão	Resposta
1.1.	3ª pessoa do plural, pretérito perfeito do indicativo, voz ativa, verbo <i>dico, is, ere, dixi, dictum</i> .
1.2.	<i>Parcae</i> .
1.3.	a) Dativo do plural, complemento indireto; b) Nominativo do plural, atributo (modificador restritivo) do sujeito; c) Genitivo do plural, complemento determinativo de <i>numine</i> (complemento do nome <i>numine</i>).
1.4.	a) Fatídico, fatal, fatalidade; b) Concordância, concordar, concordata, concórdia.
1.5.	2ª Pessoa do plural, imperativo presente, voz ativa, verbo <i>curro, is, ere, cucurri, cursum</i> .
1.6.	Acusativo do plural, complemento direto de <i>currite</i> .
1.7.	«Percorrei tais séculos», disseram as Parcas aos seus fusos, em consonância com a decisão firme dos fados.
2.1.	2ª pessoa do singular, imperativo presente, verbo <i>adgredior</i> .
2.2.	<i>Magnos honores</i> .
2.3.	a) Vocativo do singular, vocativo; b) Vocativo do singular, aposto (modificador apositivo) do vocativo.
2.4.	Caminha para as grandes honrarias, já será tempo, ó estimado rebento divino, magnífica progénie de Jove/Júpiter!
3.	O poeta fala sobre o nascimento de um menino que governará o mundo, que é a esperança do povo romano.
4.	A expressão “tais séculos” remete para a expressão “século de Augusto” e/ou “idade do ouro” que é aquela em que Augusto vive e realiza todos os feitos grandiosos a favor da pátria, dos Romanos e da sua própria figura de Imperador.

DOCUMENTO DE APOIO

AS PARCAS

As Parcas são, em Roma, as divindades do Destino, identificadas com as Meras gregas, de cujos atributos se foram revestindo a pouco e pouco. Na sua origem, as Parcas parecem ter sido, na religião romana, os espíritos do nascimento. Mas este traço inicial cedo se desvaneceu, perante a atração das **Meras**. São representadas como fiandeiras, medindo a seu bel-prazer a vida dos homens. São, como as Meras, três irmãs: uma preside ao nascimento, a outra ao casamento e a terceira à morte. As três Parcas figuravam no Foro em três estátuas, vulgarmente denominadas «as três fadas» (*tria Fata*, os três Destinos).

AS MERAS

As Meras são a personificação do destino de cada ser humano, do quinhão que lhe cabe neste mundo. Na origem, cada um tem a sua «mera», o que significa a sua *parte* (de vida, de felicidade, de desgraça, etc.) Depois, essa abstração tornou-se rapidamente uma divindade e tendeu a assemelhar-se à **Cer**, sem nunca se tornar, todavia, um génio violento e sanguinário. Impessoal, a Mera é tão inflexível como o destino: encarna uma lei que os próprios deuses não podem transgredir sem pôr em perigo a ordem do mundo. É a Mera que impede esta ou aquela divindade de levar ajuda a determinado herói, no campo de batalha, quando a sua «hora» chegou.

Pouco a pouco, parece ter-se desenvolvido a ideia de uma Mera universal que dominava o destino de todos os seres humanos e, sobretudo depois das epopeias homéricas, de três Meras, as três irmãs, Átropo, Cloto e Láquesis, que, para cada um dos mortais, regulavam a duração da vida desde o nascimento até à morte, com a ajuda de um fio que a primeira fiava, a segunda enrolava e a terceira cortava, quando a vida correspondente acabava. Estas três fiandeiras são filhas de Zeus e Témis, e irmãs das Horas. Segundo outra genealogia, eram filhas da noite, como as Ceres; por isso, pertencem à primeira geração divina, a das forças elementares do mundo. Por vezes, tendem a formar grupo com Ilitia que, como elas, é uma divindade do nascimento. Encontram-se igualmente referidas juntamente com Tique (o Destino, a Fortuna), que encarna uma noção análoga.

As Meras não têm lenda propriamente dita. Não são mais que a simbolização de uma conceção de um mundo semifilosófica, semirreligiosa.

AS CERES

As Ceres são génios que desempenham um importante papel na *Ilíada*. Nas cenas de batalha e violência, representam geralmente o Destino que leva cada herói no momento da morte. São apresentadas como seres alados, negros, com grandes dentes brancos, horrendos, de unhas enormes e pontiagudas. Despedaçam os cadáveres e bebem o sangue dos mortos e dos feridos. O seu manto está manchado de sangue humano. No entanto, não são apenas as «Valquírias» do campo de batalha. Por vezes, certas expressões homéricas demonstram que se concebiam também como Destinos da existência de cada ser humano, personificando o género de vida que lhe devia ser atribuído. Assim, Aquiles tem a hipótese de escolher entre duas Ceres: uma, que lhe daria uma vida longa e feliz na sua pátria, afastado da glória e da guerra; outra, que ele escolheu, que lhe proporcionou em Troia uma fama imorredoura, mas pela qual pagou o preço de uma morte prematura. São também as Ceres de Aquiles e Heitor que Zeus pesa, numa balança, na presença dos deuses, para saber qual dos dois deve morrer no combate que os opõe. O prato que contém a **Cer** de Heitor desce em direção ao Hades e Apolo abandona de imediato o herói à sua morte inelutável.

As Ceres receberam uma espécie de genealogia na *Teogonia* hesiódica. Surgiam como «filhas da Noite»; no mesmo passo, porém, alguns versos depois, o poeta refere uma **Cer**, irmã de Tânato e Moros (a Morte e o Passamento), e *várias Ceres*, irmãs das Meras (ou **Parcas**). Neste passo, há com certeza uma interpolação, ou talvez a contradição derive do carácter popular e vago da concepção de **Cer**, que tão depressa é uma divindade única como uma força imanente ao indivíduo. É assim que, na *Ilíada*, apenas se atribui uma **Cer** aos Troianos e outra aos Aqueus. Se bem que o passo seja posterior ao contexto em que se insere, não deixa de ser verdade que a noção de **Cer** podia assumir um valor coletivo.

Na época clássica, as Ceres parecem existir sobretudo como reminiscências literárias; tendem a confundir-se com outras divindades análogas, como as Meras, ou mesmo as Erínias, de quem se aproximam pelo carácter infernal e selvagem. Nas tragédias, não são mais que empréstimos da epopeia homérica. Platão, num passo poético, considera-as como génios maus que, semelhantes às Harpias, conspurcam tudo em que tocam na vida dos homens. É possível que a tradição popular tenha acabado por identificá-las com as almas malfazejas dos mortos, que é preciso apaziguar por meio de sacrifícios. Isso mesmo se fazia, por exemplo, na festa das Antestérias.

Pierre Grimal, *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille, Lisboa, Difusão Editorial, 1992.



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Ecos das *Bucólicas I e IV* de Virgílio na Literatura Portuguesa

« Assy que aquelo de Virgilio delle, e de seus Irmãos dizer possamos com razom: Já refloresce a justiça, já se renovam os Reinos de Saturno, já a geraçam dos nobres principes dos altos ceos nos he envyada».

Vasco Fernandes de Lucena (séc. XV),

Prologo, que fez o Doutor Vasco Fernandes de Lucena, à oração, que trasladou do Deão de Virge, Embaixador do Duque Filippe de Borgonha, à morte do Infante D. Pedro, in Livro Ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Ifante D. Pedro, Duque de Coimbra, edição crítica de Joseph M. Piel, Coimbra, Universidade, 1948, Apêndice 6, p. LII.

Pastor ut interdum montes, et rura relinquat,

Et solitis maiora canat, concedite Musae.

Concedei, ó Musas, que o pastor, de quando em quando, abandone os campos e os montes, para cantar temas mais elevados do que os habituais.

Henrique Caiado (1470-1509),

Écloga IV, vv. 1-2, in Tomás da Rosa, “As éclogas de Henrique Caiado”, *Humanitas*, vols. II e III da nova série (vols. V e VI da série contínua), Coimbra, 1954, pp. 36-37.

Aquel tan alabado
Títiro Mantuano
alzando el cantar llano
del campo...

Sá de Miranda (1481/85-1558),

Fábula do Mondego, vv. 35-38, *Obras Completas*, ed. de Rodrigues Lapa, Lisboa, Sá da Costa, 2002 (5ª edição), vol. I, p. 76.

Agora brandas Musas me inspirai,
Agora meu estylo levantai.

Diogo Bernardes (1530-1595),

Écloga VIII, vv. 64-65, *Obras Completas*, com prefácio e notas de M. Braga, Lisboa, Sá da Costa, vol. III, pp. 54-61.

A mesma Terra os frutos saborosos
Ofrecendo-te está de prazer cheia,
Pendentes dos seus ramos graciosos
As roxas uvas, os medronhos belos,
Os camoeses rosados, e amarelos.

Principia a conhecer com doce riso
A bela Mãe, de gosto e de alegria;
Principia, ó Menino, que é preciso
Suavizar-lhe os gemidos e agonia,
Que lhe custou a dar-te à luz do dia.

Quando já Varão firme e vigoroso
Te fizer a viçosa flor dos anos,
Submeterás ao jugo valeroso
Os indomáveis tigres Africanos,
E os ferozes leões da Líbia ardente.

Passa à robusta idade felizmente,
Toma o cajado, com valor defende
Das inimigas feras o rebanho.
Grandes fadigas de alta glória emprende,
Voe teu Nome ao monte mais estranho,
Enche de nova fama a Pátria nossa,
Que se esta pobre vida durar tanto,
Que teus gloriosos feitos cantar possa,
Nem Orfeu mesmo vencerá meu canto.

Domingos dos Reis Quita (1728-1770),

Écloga V, vv. 134-157, *Obras Completas*, ed. de Ana Cristina Fontes, Porto, Campo das Letras, 1999, vol. I, pp. 84-85.

Musas, Musas do Tejo, alçai ao Pólo
 Versos dignos de reis, da Pátria dignos.
 Desenruga-se o Fado, os tempos vovem
 Quais a vate Cumeia os viu na mente.
 O mundo se renova, o caos triste,
 Com que opressa gemia a Natureza,
 Em dias se desfaz o riso e de oiro.
 No manto cor de neve Astreia envolta,
 As eras de Saturno à terra guia;
 Desliza-se dos céus estirpe nova;
 (...)

Querida prole, a conhecer começa
 A carinhosa mãe, que magoaste
 Com agro pesadume em longos dias;
 Melhora os risos teus nos risos dela:
 És semideia, ficarás deidade.

Bocage (1765-1805),

Ao Nascimento Da Sereníssima Senhora Infanta D. Isabel, vv. 1-10; 78-82, *Opera Omnia*, ed. Hernâni Cidade, Lisboa, Bertrand, 1970, pp. 167;169.

Vós, Musas Lusitanas, novo canto
 Empr'endei hoje: acabe o antigo pranto.
 Se os arbustos, se a sombra do arvoredo
 Nem a todos convém; eu, que em segredo
 Nas selvas solto assim minha cantiga,
 Cousas dignas d'Holstenio em verso diga.

Acabaram-se os seculos preditos;
 Chegou a idade d'oiro, que os escriptos
 Da Sybilla Cuméa annunciaram.
 Os dias de Saturno ou já voltaram,
 Ou no oriente apontam: volta Ástréa,
 Que os desenvoltos erros encadêa.
 A raça ferrea acaba: aurea progenia
 Desce dos Ceos; scintilla Holstenio, Eugenia.

Marquesa de Alorna (1750-1839), *Écloga de Holstenio*, vv. 1-14, *Obras Poéticas de D. Leonor D'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza D'Alorna, Condessa D'Assumar, e D'Oeynhausén*, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de Alcipe, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, Tomo II, p. 157.

Quem dirá o número dos meus dias?
Como será então o som da minha boca?
Poderei talvez recontar o teu perfil
Sem me deixar vencer por Orfeu ou Lino;
Desafio Pan, no meio da Arcádia.
Arbustos e ribeiros não agradam a todos.
Se falamos de pastores, que tenham na altura dum Cônsul.
Começemos, pois, com uma arte maior.

Chegou a era do oráculo de Cumas (1):
A órbita dos séculos rompe intacta.
Regressam a Virgem e os reinos de Saturno,
O céu chove uma raça nova.
Favorece, Lucina, o nascimento dum jovem,
Que leve a fundir este século de ferro,
Que ofereça a todos a Idade de Ouro.
Reconhece a tua mãe no sorriso dela;
Aquele a quem os pais não sorriam,
Não comerá com um deus nem dormirá com uma deusa.

Agora está já no seu trono.
Verás, Pólio (2), o relâmpago no horizonte,
O cometa iridescente duma nova Idade.
Queima os vestígios da nossa falta
E a terra rodará em concordia perpetua.
Terá acesso aos deuses, verá os heróis
Para lá da Via Láctea, será visto por eles:
Reino cósmico de paz, no sovereignty.

Sem suor a terra será fértil: passim
Crescerão o cedro, a acácia e o carvalho.
As cabras, à noite, dos barrancos aos estábulos,
Voltarão com as tetas pesadas de leite;
Sem medo as ovelhas farão face aos leões.
Os cravos rebentam à tua volta,
As serpentes morrem, o leopardo é esmagado
E a flor da Assíria cresce livre.

Manuel dos Santos Lourenço (1936-2009),
Wytham Abbey, vv. 1-34, Lisboa, Moraes Editores, 1974, p. 30-31.

- (1) Talvez por erro tipográfico, figura no texto a forma *Cumes*.
(2) Pólio = o Cônsul Polião

ANEXO 5

Plano de aula 4

Ficha de trabalho IV – Trabalho de Casa

Grelha de correção

Ficha de trabalho V

Grelha de correção

Documentos de apoio

Plano de aula

12º Ano – Latim B

Aula 4 – 26 de novembro de 2014

Sumário:

Visualização de um *powerpoint* sobre a vida e obra de Horácio.

Leitura e tradução de um excerto do *Carmen Saeculare*.

Resolução da ficha de trabalho 5.

Objetivos específicos

- Mobilizar conteúdos prévios;
- Introduzir o estudo do *Carmen Saeculare* de Horácio;
- Compreender o espetáculo dos jogos seculares recuperados por Augusto;
- Ler e traduzir um excerto do *Carmen Saeculare*;
- Desenvolver e consolidar conhecimentos linguísticos.

Atividades desenvolvidas	Recursos	Tempo
Projeção de diapositivos sobre Horácio e os jogos seculares.	Computador e projetor.	15 Minutos
Distribuição da ficha de trabalho 4 (para trabalho de casa).	Ficha de trabalho 4.	5 Minutos
Distribuição da ficha de trabalho 5 e do <i>Carmen Saeculare</i> (em latim e em tradução portuguesa).	Ficha de trabalho 5. Documento de apoio.	5 Minutos
Leitura, análise e tradução dos versos 37-38; 45-48.	Dicionário, gramática, lápis, borracha e quadro.	60 Minutos.
Esclarecimento de dúvidas.		5 Minutos.



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Ficha de trabalho IV

Responde às seguintes questões, tendo por base o *powerpoint* visualizado.

1. Onde nasceu Horácio? Em que ano? Das seguintes opções, escolhe as que consideras corretas.

Roma	Atenas	Venúsia	Lucânia
65 a.C.	50 a.C.	66 a.C.	70 a.C.

2. Enumera as principais obras de Horácio.

3. Indica três palavras etimologicamente relacionadas com os seguintes vocábulos:

<i>Opera</i>	➔			
<i>Saeculare</i>	➔			
<i>Praetorius</i>	➔			
<i>Scriba</i>	➔			

4. Para que cerimónia compôs Horácio o *Carmen Saeculare*?

5. Antes de Augusto, em que consistiam essas cerimónias?

6. Em que ano mandou Augusto que se realizassem? Com que finalidade?

Grelha de Correção

Questão	Resposta	Pontuação
1.	Venúsia (10), 65 a.C. (10)	20
2.	<i>Sátiras</i> (6); <i>Epodos</i> (6); <i>Epístolas</i> (6); <i>Arte Poética</i> (6); <i>Carmen Saeculare</i> (6).	30
3.	Operação (6); Operário (6); Opereta (6) - (18) Século (6); Secularizar (6); Secular (6) – (18) Pretoriano (6); Pretório (6); Pretura (6) – (18) Escriba (6); Escrivão (6); Escrituração (6) – (18)	72
4.	Para os jogos seculares em 17 a.C.	26
5.	Antes de Augusto, estas cerimónias consistiam em festas e jogos dedicados a divindades infernais e ctónicas.	26
6.	Augusto reintroduziu os jogos seculares em 17 a.C. Estes jogos tiveram como finalidade celebrar a glória de Roma e a sua nova época (sob o domínio de Augusto), prestar culto a Júpiter, Juno, Diana e Apolo.	26
		200



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Carmen Saeculare

*Phoebe silvarumque potens Diana,
lucidum caeli decus, o colendi
semper et culti, date quae precamur
tempore sacro,*

*quo Sibyllini monuere versus
virgines lectas puerosque castos
dis, quibus septem placuere colles,
dicere carmen.*

*alme Sol, curru nitido diem qui
promis et celas aliusque et idem
nascaris, possis nihil urbe Roma
visere maius.*

*rite maturos aperire partus
lenis, Ilythia, tuere matres,
sive tu Lucina probas vocari,
seu Genitalis:*

*diva, producas subolem, patrumque
prosperes decreta super iugandis
feminis prolisque novae feraci
lege marita,*

*certus undenos decies per annos
orbis ut cantus referatque ludos
ter die claro totiensque grata
nocte frequentis.*

Cântico Secular

1 Ó Febo e Diana, rainha das florestas,
luzente glória do céu, vós sempre venerandos
e venerados, concedei aquilo que vos rogamos
neste tempo sagrado

2 em que os versos sibilinos exortaram
a que virgens escolhidas e castos rapazes
aos deuses, que amam as Sete Colinas,
entoem um cântico.

3 Almo Sol, que em teu refulgente carro
o dia fazes surgir e escondes, e que um outro
embora o mesmo sempre renasces, possas tu
nada maior ver do que a urbe de Roma.

4 Ilitia, tu que graciosa levas a um bom fim
os partos na altura própria, protege as mães,
quer queiras ser chamada de Lucina,
quer de Geradora.

5 Deusa, faz crescer a nossa prole, e traz sucesso
aos decretos dos Pais sobre o matrimónio,
e sobre a lei marital que nascer fará
uma nova geração (1),

6 para que o constante ciclo de onze décadas (2)
de novo traga o canto e os jogos,
apinhados de gente, durante três claros dias
e outras tantas deleitosas noites.

*vosque veraces cecinisse, Parcae,
quod semel dictum est, stabilisque rerum
terminus servet, bona iam peractis
iungite fata.*

*fertilis frugum pecorisque Tellus
spicea donet Cererem corona;
nutriant fetus et aquae salubres
et Iovis aerae.*

*condito mitis placidusque telo
supplices audi pueros, Apollo;
siderum regina bicornis, audi,
Luna, puellas.*

***Roma si vestrum est opus, Iliaequae
litus Etruscum tenuere turmae,
iussa pars mutare Lares et urbem
sospite cursu,***

*cui per ardentem sine fraude Troiam
castus Aeneas patriae superstes
liberum munivit iter, daturus
plura relictis:*

***di, probos mores docili iuventae,
di, senectuti placidae quietem,
Romulae genti data remque prolemque
et decus omne.***

*quaeque vos bobus veneratur albis
clarus Anchisae Venerisque sanguis,
impetret, bellante prior, iacentem
lenis in hostem.*

*iam mari terraque manus potentis
Medus Albanasque timet securis,
iam Scythae responsa petunt superbi
nuper et Indi.*

*iam Fides et Pax et Honor Pudorque
priscus et neglecta redire Virtus
audet apparetque beata pleno
Copia cornu.*

7 E vós, Parcas, verdadeiras no que cantastes,
o que uma vez foi dito, que o certo curso
dos acontecimentos o conserve, e uni bons fados
aos já cumpridos.

8 Que a Terra, fértil em cereais e em gado,
Ceres presenteie com uma coroa de espigas;
e que as salubres águas e as brisas de Júpiter
alimentem os seus frutos.

9 Deixando de parte a lança, brando e calmo,
ouve as súplicas dos rapazes, Apolo,
e tu, rainha bicomne das estrelas, Lua,
ouve as raparigas.

10 **Se Roma é vossa obra, e ocuparam a costa etrusca
gentes vindas de Ílion (3)**– os sobreviventes a quem
ordenado foi que mudassem de Lares e de cidade,
numa viagem sem perigo

11 e a quem o casto Eneias, sobrevivendo à pátria,
um livre e seguro caminho mostrou
através de Troia que ardia, ele que daria
muito mais do que haviam deixado -,

12 **então, deuses, dai à nossa dócil juventude probos
costumes,
deuses, dai à nossa sossegada velhice descanso,
à raça de Rómulo dai riqueza, descendência
e toda a glória.**

13 Que aquele do ilustre sangue de Anquises e Vénus
obtenha o que com bois brancos vos suplicou (4),
ele antes guerreiro, agora piedoso
para com o prostrado inimigo.

14 Já teme o Medo nossas poderosas mãos
no mar e na terra, e nossos machados albanos,
já os Citas e os Indos, antes arrogantes,
esperam por nossas respostas.

15 Já a Lealdade, a Paz, a Honra, o antigo Pudor,
e a desprezada Virtude ousam voltar,
e a bem-aventurada Abundância surge
com o seu corno cheio.

*augur et fulgente decorus arcu
Phoebus acceptusque novem Camenis,
qui salutare levat arte fessos
corporis artus,*

16

O áugure Febo, enfeitado com o seu fulgente arco,
amado pelas nove Camenas (5),
ele que com a sua arte medicinal
alivia os membros cansados do corpo,

*si Palatinas videt aequus aras,
remque Romanam Latiumque felix
alterum in lustrum meliusque semper
prorogat aevum,*

17

se ele de facto benigno olha pelos altares
do Palatino, então o poder romano há-de prolongar
e a prosperidade do Lácio por mais um ciclo,
e por épocas sempre melhores.

*quaeque Aventinum tenet Algidumque,
quindecim Diana preces virorum
curat et votis puerorum amicas
applicat auris.*

18

Diana, aquela que habita o Aventino e o Álgido (6),
atende as preces dos Quinze Homens (7),
e ouve com amizade e atenção
os votos dos rapazes.

*haec Iovem sentire deosque cunctos
spem bonam certamque domum reporto,
doctus et Phoebi chorus et Dianae
dicere laudes.*

19

Regresso a casa com esta boa e firme esperança,
que são estes os sentimentos de Júpiter e dos deuses todos
eu, cantando num coro a quem foi ensinado
os louvores de Febo e de Diana.

Q. Horatii Flacci *Opera*. Ed. E. C. Wickham
e H. W. Garrod, Oxford, Clarendon Press,
1912.

Horácio Odes. Tradução de Pedro Braga Falcão, Lisboa,
Livros Cotovia, 2008.

Notas ao texto:

- (1) Alusão às leis do casamento, umas das reformas sociais impostas por Augusto em 18 a.C.: a *lex Iulia de maritandis ordinibus*, que obrigava ao casamento a partir de certa idade, aplicando sanções a quem não fosse casado e dando benefícios a famílias numerosas e a *lex Iulia de adulteriis coercendis*, que pretendia conter a crescente promiscuidade e desrespeito pelos laços do matrimónio que se faziam notar nesta época.
- (2) Referência à ocorrência dos jogos seculares de 110 em 110 anos.
- (3) Alusão à mítica filiação da *gens Julia* (descendente de Júlio, filho de Eneias). A essa estirpe de origem divina (Eneias é filho de Vénus e de Anquises) estava associada a família de Augusto.
- (4) Alusão ao sacrifício de bois brancos por Augusto no Capitólio, em honra de Júpiter e Juno.
- (5) As nove musas: Calíope, Clio, Polímnia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Melpómene, Talia e Urânia.
- (6) Diana possuía um templo muito antigo no Aventino; o monte Álgido localizava-se no Lácio.
- (7) Os Quindecênviros, colégio sacerdotal a que Augusto presidia.

Identifica todas as referências mitológicas presentes no *Carmen Saeculare*, preenchendo o quadro:

Estrofe	Referência(s)
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

Grelha de correção

Estrofe	Referência(s)
1	Febo e Diana
2	Versos sibilinos
3	Sol
4	Ilitia; Lucina
5	Deusa (Diana/ Ilitia)
7	Parcas
8	Ceres; Júpiter
9	Apolo; Lua
10	Lares
11	Eneias
12	Rómulo
13	Anquises; Vénus
16	Febo; Camenas
18	Diana
19	Júpiter; Febo; Diana



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Ficha de trabalho V

Horácio revisita os inícios de Roma.

Roma si uestrum est opus, Iliaequē

litus etruscum tenuere turmae,

(...)

di, probos mores docili iuuentae,

di, senectuti placidae quietem,

Romulae genti date remque prolemque

et decus omne.

Horácio, *Cântico Secular*, 37-38; 45-48

1. Analisa as duas orações condicionais que figuram nos versos 37-38 preenchendo os espaços.

	Sujeito		Complemento do verbo
<i>Si</i> ↗ ↘	<input type="text"/>	<i>est</i>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<i>tenuere</i>	<input type="text"/>

1.1. Identifica a forma verbal *tenuere*.

1.2. Identifica os complementos exigidos por:

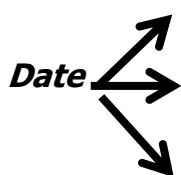
a) *est* _____

b) *tenuere* _____

2. O pronome *uestrum* (de vós, vosso) refere-se a uma entidade plural a quem o poeta se dirige. Identifica-a.

3. Identifica a forma verbal *date*.

3.1. O verbo *dar* é um verbo transitivo direto e indireto. Transcreve os seus complementos:



Caso _____

Caso _____

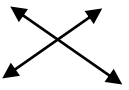
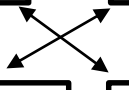

Função sintática _____

Função sintática _____

4. Que figuras de estilo se evidenciam nos versos 45-46?

5. Traduz o excerto.

Grelha de Correção

Questão	Resposta
1.	<i>Si Roma est opus uestrum, Si turmae Iliae tenuere litus etruscum</i>
1.1.	3ª pessoa do plural, pretérito perfeito do indicativo, voz ativa, verbo <i>teneo</i> , <i>es, ere, tenui, tentum</i> .
1.2.	a) predicativo do sujeito, b) complemento direto.
2.	O pronome refere-se aos deuses: “ <i>di</i> ”.
3.	2ª pessoa do plural, imperativo presente, verbo <i>do, das, are, dedi, datum</i> .
3.1.	<i>Probos mores</i> (acusativo, complemento direto); <i>docili iuuentae</i> (dativo, complemento indireto) <i>Quietem</i> (acusativo, complemento direto); <i>senectuti placidae</i> (dativo, complemento indireto) <i>Prolem, rem, decus omne</i> (acusativo, complemento direto); <i>genti romulae</i> (dativo, complemento indireto)
4.	<p>Anáfora – <i>di.... di...</i> (versos 45-46) Antítese – Dócil juventude/ velhice calma</p> <p>Quiasmo:</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"><i>Docili iuuentae</i></div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"><i>Senectuti placidae</i></div>  </div> <div style="text-align: center;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"><i>probos mores</i></div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"><i>senectuti placidae</i></div>  </div> <div style="text-align: center;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"><i>docili iuuentae</i></div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"><i>quietem</i></div>  </div> </div>
5.	Se Roma é trabalho vosso e gentes de Ílion ocuparam a costa etrusca, (...) ó Deuses, dai à (nossa) doce juventude probos costumes; ó deuses, dai à (nossa) sossegada velhice descanso; à raça de Rómulo (dai) riqueza, descendência e toda a glória.

ANEXO 6

Plano de aula 5

Documento de apoio

Ficha de trabalho VI – Ficha de avaliação

Grelha de correção

Plano de aula

12º Ano – Latim B

Aula 5 – 01 de dezembro de 2014

Sumário:

Levantamento de referências mitológicas no poema *Carmen Saeculare*.

Observação das influências horácianas em poemas de Ricardo Reis.

Objetivos específicos

- Mobilizar conteúdos prévios;
- Desenvolver e consolidar conhecimentos linguísticos;
- Ler e analisar poemas de Ricardo Reis;
- Verificar a influência de textos latinos na literatura portuguesa.

Atividades desenvolvidas	Recursos	Tempo
(Re)Leitura do poema de Horácio.	Ficha de trabalho 5.	5 Minutos
Levantamento de referências mitológicas.		10 Minutos
Distribuição de um fascículo com poemas de Ricardo Reis.	Poemas de Ricardo Reis	5 Minutos
Observação da influência de Horácio na poesia do heterónimo pessoano.		60 Minutos
Distribuição da ficha de trabalho 6 (enviada como trabalho de casa).		5 Minutos
Esclarecimento de dúvidas.		5 Minutos

Odes de Ricardo Reis

1. "O deus Pan não morreu" mundo"

O deus Pan não morreu.
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apollo
Os peitos nus de Ceres –
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pan, o immortal.

Não matou outros deuses
O triste deus christão.
Christo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.

Pan continúa a ciar
Os sons da flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Proposito casual.

[12-06-1914]

2. "De Apollo o carro rodou p'ra fóra"

De Apollo o carro rodou pra fóra
Da vista. A poeira que levantára
Ficou enchendo de leve névoa
O horizonte.

A flauta calma de Pan, descendo
Seu tom agudo no ar pausado,
Deu mais tristezas ao moribundo
Dia suave.

Cálida e loura, nubil e triste,
Tu, mondadeira dos prados quentes,
Ficas ouvindo, com os teus passos
Mais arrastados,

A flauta antiga do deus durando
Com o ar que cresce pra vento leve,
E sei que pensas na deusa clara
Nada dos mares,

E que vão ondas lá muito adentro
Do que o teu seio sente alheado
De quanto a flauta sorrindo chora
E estás ouvindo.

[12-06-1914]

3. "Sábio é o que se contenta com o espectáculo do

Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem tudo é novo
E immarcessível sempre.
Corôem-o pampanos, ou heras, ou rosas voluteis,
Elle sabe que a vida
Passa por elle e tanto
Corta á flor como a elle
De Atropos a thesoura.

Mas elle sabe fazer que a côr do vinho esconda isto,
Que o seu sabôr orgiaco
Apague o gosto ás horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacchantes.

E ele espera, contente quasi e bebedor tranquillo,
E apenas desejando
N'um desejo mal tido
Que a abominavel onda
O não molhe tão cedo.

[19-06-1914]

4. "As rosas amo dos jardins de Adonis"
tempo"

As rosas amo dos jardins de Adonis,
Essas volucres amo, Lydia, rosas,
 Que em o dia em que nascem,
 Em esse dia morrem.
A luz para ellas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
 Antes que Apollo deixe
 O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lydia, voluntariamente,
 Que ha noite antes e após
 O pouco que durâmos.

[11-07-1914]

5. "Da nossa semelhança com os deuses"

Da nossa semelhança com os deuses
 Por nosso bem tiremos
Julgarmo-nos deidades exiladas
 E possuindo a Vida
Por uma autoridade primitiva
 E coeva de Jove.
Altivamente donos de nós-mesmos,
 Usemos a existencia
Como a villa que os deuses concedem
 Para esquecer o estio.

Não de outra forma mais apoquentada
 Nos vale o esforço usarmos
A existência indecisa e afluyente
 Fatal do rio escuro.

Como acima dos deuses o Destino
 É calmo e inexoravel,
Acima de nós-mesmos construamos
 Um fado voluntario
Que quando nos opprima nós sejamos
 Esse que nos opprime,
E quando entremos pela noite dentro
 Por nosso pé entremos.

[30-07-1914]

6. "Cada cousa a seu tempo tem seu

*Cada cousa a seu tempo tem seu tempo.
Não florescem no inverno os arvoredos,
 Nem pela primavera
 Têm branco frio os campos.*

*Á noite, que entra, não pertence, Lydia,
O mesmo ardor que o dia nos pedia.
 Com mais socego amemos
 A nossa incerta vida.*

*Á lareira, cançados não da obra
Mas porque a hora é a hora dos cansaços,
 Não forcemos a voz
 A estar mais que em segredo,*

*E casuaes, interrompidas sejam
Nossas palavras de reminiscencia
 (Não para mais nos serve
 A negra ida do Sol).*

*Pouco a pouco o passado recordemos
E as historias contadas no passado
 Agora duas vezes
 Historias, que nos fallem*

*Das flores que na nossa infancia ida
Com outro fim no goso nós colhiamos
 E com outra sciencia.
 No olhar lançado ao mundo.*

*E assim, Lydia, á lareira, como estando,
Deuses lares, alli na eternidade,
 Como quem compõe roupas
 O outr'ora compunhamos*

*Nesse desassocego que o descanso
Nos traz ás vidas quando só pensamos
 N'aquillo que ja fomos,
E é noite lá sobre Ceres.*

[30-07-1914]

**7. "Vos que, crentes em Christos e Marias"
vida grata"**

(...)

Que serão os meus sonhos
Mais que a obra dos deuses?

Deixae-me a Realidade do momento
E os meus deuses tranquilos e immediatos
Que não moram no Incerto
Mas nos campos e rios.

Deixae-me a vida ir-se pagamente
Acompanhada pelas avenas tenues
Com que os juncos das margens
Se confessam de Pan.

(...)

Ceres, dona dos campos, me console
E Apollo e Venus, e Urano antigo
E os trovões, com o interesse
De irem da mão de Jove.

[09-08-1914]

8. "Deixemos, Lydia, a sciencia que não põe"

Deixemos, Lydia, a sciencia que não põe
Mais flores do que Flora pelos campos,
Nem dá de Apollo ao carro
Outro curso que Apollo.
(...)

Vê como Ceres é a mesma sempre
E como os louros campos entumescem
E os calas prás avenas
Dos agradados de Pan.

Vê como com seu jeito sempre antigo
Aprendido no orige azul dos deuses,
As nymphas não socegam
Na sua dança eterna.

E como as hemadryades constantes
Murmuram pelos rumos das florestas
E atrasam o deus Pan.
Na attenção á sua flauta.

Não de outro modo mais divino ou menos
Deve aprazer-nos conduzir a vida,
Quer sob o ouro de Apollo
Ou a prata de Diana.

Quer troe Jupiter nos ceus toldados,
Quer apedreje com as suas ondas
Neptuno as planas praias
E os erguidos rochedos.

Do mesmo modo a vida é sempre a mesma.
Nós não vemos as Parcas acabarem-nos.
Porisso as esqueçamos
Como se não houvessem.

Colhendo flores ou ouvindo as fontes
A vida passa como se temessemos.
Não nos vale pensarmos
No futuro sabido

Que aos nossos olhos tirará Apollo
E nos porá longe de Ceres e onde
Nenhum Pan cace á flauta
Nenhuma branca nympa.
(...)

[11-08-1914]

9. "Feliz aquelle a quem a

Feliz aquelle a quem a vida grata
Concedeu que dos deuses se lembrasse
E visse como elles
Estas terrenas cousas onde mora
Um reflexo mortal da immortal vida.
Feliz, que quando a hora tributaria
Transpor seu atrio porque a Parca corte
O fio fiado até ao fim,
Gosar poderá o alto premio
De errar no Averno grato abrigo
Da convivencia.

Mas aquelle que quer outro antepôr
Aos mais antigos Deuses que no Olympo
Seguiram a Saturno —
O seu blasphemo ser abandonado
Na fria expiação — até que os Deuses
De quem se esqueceu d'elles se recordem —
Erra, sombra inquieta, incertamente,
Nem o filho lhe põe na boca
O estygio obulo devido.
E sobre o seu corpo insepulto
Não deita terra o viandante.

[11 e 12-09-1916]

10. "O mar jaz. Gemem em segredo os ventos"

O mar jaz. Gemem em segredo os ventos
Em Eolo captivos,
Só com as pontas do tridente
Franze as águas Neptuno,
E a praia é alva e cheia de pequenos
Brilhos sob o sol claro.
Eu quizera, Neera, que o momento,
Que ora vemos, tivesse
O sentido preciso de uma phrase
Visível nalgum livro.
Assim verias que certeza a minha
Quando sem te olhar digo
Que as cousas são o dialogo que os deuses
Brincam tendo connosco,
Nunca mais julgarias
Ou solemne ou ligeira a clara vida,
Mas nem leve nem grave,
Nem falsa ou certa, mas assim, divina
E placida, e mais nada.

[06-10-1914]

10. "Não a ti Cristo, odeio ou menosprezo"

(...)
Mas que os teus crentes te não ergam sobre
Outros, antigos deuses que dataram
Por filhos de Saturno
De mais perto da orige' igual das cousas,
E melhores memorias recolheram
Do primitivo cahos e da Noite
Onde os deuses não são
Mais que as estrellas subditas do Fado.
(...)

[09-10-1916]

11. "Não canto a noite porque no meu canto"

Não canto a noite porque no meu canto
O sol que canto acabará em noite.
Não ignoro o que esqueço.
Canto por esquecel-o.
Pudesse eu suspender, inda que em sonho,
O Apolíneo curso, e conhecer-me,
Inda que louco, gemeo
De uma hora imperecível!

[02-09-1923]

12. "Melhor destino que o de conhecer-se"

*Melhor destino que o de conhecer-se
Não frue quem mente frue. Antes, sabendo,
Ser nada, que ignorando:
Nada dentro de nada.
Si não houver em mim poder que vença
As parcas trez e as moles do futuro,
Já me dêem os deuses
O poder de sabe-lo;
E a beleza, increavel por meu sestro,
Eu gose externa e dada, repetida
Em meus passivos olhos,
Lagos que a morte secça.*

[02-09-1923]

13. "Cuidas tu, louro Flacco, que apertando"

Cuidas tu, louro Flacco, que apertando
Teus infecundos, trabalhosos dias
Em feixes de hirta lenha,
Cumpres a tua vida?
A tua lenha é só peso que levas
Para onde não tens fogo que te aqueça,
Nem levam peso aos hombros
As sombras que seremos.
Aprende calma com o ceu unido
E com a fonte a ter continuo curso.
Não sejas a clepsydra
Que conta as horas de outros.

[11-7-1914]

Procura, agora, referências mitológicas presentes nas odes transcritas de Ricardo Reis. Preenche o quadro que se segue:

Textos	Referência(s) mitológica(s)
Texto 1	
Texto 2	
Texto 3	
Texto 4	
Texto 5	
Texto 6	
Texto 7	
Texto 8	
Texto 9	
Texto 10	
Texto 11	



Escola Secundária de Camões

Disciplina: Latim B – 12º L

Ano Letivo 2014/2015

Docente cooperante: Dr.ª Rosa Costa

Mestranda: Vera Rodrigues

Nome: _____ Data: _____ Avaliação: _____

Ficha de trabalho VI

Atribuindo à vontade divina a prosperidade de Roma, o poeta confia que as preces do seu povo serão ouvidas.

*Haec Iouem sentire deosque cunctos
spem bonam certamque domum reporto,
doctus et Phoebi chorus et Dianae
dicere laudes.*

Horácio, *Carmen Saeculare*, 73-76




*Apolo (Febo) e Ártemis (Diana),
por Giovanni Battista Tiepolo (1757).*

1. *Haec Iouem sentire deosque cunctos spem bonam certamque domum reporto (...)*

1.1. Identifica a forma verbal *reporto*:

- 1.2.** Transcreve e classifica os seus complementos, identificando o caso em que se encontram:

	Complemento	Caso	Função Sintática
Reporto 			

- 1.3.** Identifica a forma verbal *sentire*.

- 1.4.** Identifica o caso e a função sintática de:

- a) *Iouem/deos cunctos*: _____
b) *haec*: _____

- 1.5.** Traduz os versos analisados.

- 2.** *doctus et Phoebi chorus et Dianae dicere laudes.*

- 2.1.** Indica o caso e a função sintática de:

- a) *chorus*: _____
b) *laudes*: _____
c) *Phoebi et Dianae*: _____

- 2.2.** Faz a tradução.

- 3.** Com que objetivo(s) compôs Horácio o *Carmen Saeculare*?

Grelha de correção

Questão	Resposta	Pontuação													
1.1.	1ª Pessoa (2) do singular (2), presente (4) do indicativo (4), voz (2) ativa (2), verbo <i>reporto, as, are, aui, atum</i> (3).	19													
1.2.	<table><tr><td></td><td>Complemento</td><td>Caso</td><td>Função Sintática</td><td></td></tr><tr><td rowspan="2">Reporto → →</td><td>(4) <i>domum</i></td><td>(4) Acusativo do singular</td><td rowspan="2">Complemento circunstancial de lugar para onde (Complemento oblíquo) (4) (12)</td><td rowspan="2">(12)</td></tr><tr><td>(4) <i>spem bonam certam</i></td><td>(4) Acusativo do singular</td><td>Complemento direto (4) (12)</td></tr></table>		Complemento	Caso	Função Sintática		Reporto → →	(4) <i>domum</i>	(4) Acusativo do singular	Complemento circunstancial de lugar para onde (Complemento oblíquo) (4) (12)	(12)	(4) <i>spem bonam certam</i>	(4) Acusativo do singular	Complemento direto (4) (12)	24
	Complemento	Caso	Função Sintática												
Reporto → →	(4) <i>domum</i>	(4) Acusativo do singular	Complemento circunstancial de lugar para onde (Complemento oblíquo) (4) (12)	(12)											
	(4) <i>spem bonam certam</i>	(4) Acusativo do singular			Complemento direto (4) (12)										
1.3.	Infinitivo (4) presente (2), voz ativa (4), verbo <i>sentio, is, ire, sensi, sensum</i> (6).	16													
1.4.	a) Acusativo (4) do singular (1)/ plural (1), sujeito de uma oração infinitiva (4); b) Acusativo (4) do plural (2), complemento direto de <i>sentire</i> (4).	20													
1.5.	Trago (6) para casa (4) uma boa (2) e certa (2) esperança (4) de que Júpiter (1) e os deuses (4) todos (4) sentem (6) estas (4) coisas (1).	38													
2.1.	<i>chorus</i> : Nominativo (4) do singular (2), sujeito (4) [de <i>doctus est</i>]; <i>laudes</i> : Acusativo (4) do plural (2), complemento direto (4) [de <i>dicere</i>]; <i>Phoebi et Dianae</i> : Genitivo (4) do singular (2), complemento determinativo (4) de <i>Laudes</i> (2) (ou complemento do nome <i>laudes</i>).	32													
2.2.	O coro (2) foi ensinado (6) a cantar (4) os louvores (4) de Febo (1) e Diana (1).	18													
3.	O <i>Carmen Saeculare</i> foi composto a pedido do imperador para concluir os jogos seculares, celebrar a glória de Roma e a sua entrada numa nova época (sob o domínio de Augusto) e prestar culto a vários deuses.	33													
		200													

ANEXO 6

Plano de aula 6

Entrevistas imaginárias

Plano de aula

12º Ano – Latim B

Aula 6 – 12 de janeiro de 2014

Sumário:

Entrega e correção da ficha de trabalho 6.

Leitura de duas entrevistas imaginárias a Augusto e Virgílio (***Juvenis***, setembro/outubro, 2004, p.12 e ***Juvenis***, fevereiro, 2004, p.12).

Objetivos específicos

- Mobilizar conteúdos prévios;
- Corrigir a ficha de trabalho 6;
- Desenvolver e consolidar conhecimentos linguísticos;
- Observar nos textos lúdicos elementos culturais do século de Augusto.

Atividades desenvolvidas	Recursos	Tempo
Entrega e correção da ficha de trabalho 6.	Dicionário, gramática, lápis, borracha e quadro.	40 Minutos
Distribuição de duas entrevistas imaginárias a Augusto e Virgílio (<i>Juvenis</i> , setembro/outubro, 2004, p.12 e <i>Juvenis</i> , fevereiro, 2004, p.12).		5 Minutos
Leitura e comentário dos textos.	Textos da revista <i>Juvenis</i> .	40 Minutos
Esclarecimento de dúvidas.		5 Minutos

Uma breve entrevista

A meio de um dia ocupado, o imperador Augusto ainda consegue arranjar tempo para conceder uma entrevista. Descobre o seu conteúdo.



Diurnarius: *Salve! Quam bene ordinatum est hoc palatium!*

Augustus: *Siste! (1) Purgavistine calceos antequam intravisti?*

Diurnarius: *Feci!*

Augustus: *Bene! Cupisne poculum mulsi? Senator! Mulsum affer hospiti meo!*

Diurnarius: *Quid? Dispensator (2) tuus est senator?*

Augustus: *Est! Senatus his temporibus non multum valet, atque senatores egent aliquo alio officio.*

Diurnarius: *Sic... multa mutavisti!*

Augustus: *Res ordinavi! Mox adventurus est architectus: sunt enim urbes, portus, viae exstruendae... atque hac vespera cenaturus sum cum legatis! Agetur de Gallia, Hispania et Arabia pacanda. Senator! Estne cena parata?*

Diurnarius: *Quot incepta!*

Augustus: *Nimia, hoc est verum! Post meridiano tempore debeo templum inaugurare, legionum numerum a 25 ad 28 augere et duas impudicas matronas reprehendere!*

Diurnarius: *At quomodo haec omnia facere vales?*

Augustus: *Amice, non frustra sum "divus"!*

Juvenis, setembro/outubro, 2004, p.12.

Notas:

(1) *Siste*: imperativo presente do verbo *sisto*, *is*, *ere*, *stiti* (ou *steti*), *statum*.

(2) *Dispensator*: servo que cuida da casa.

Uma entrevista imaginária

Virgílio concede uma entrevista enquanto cuida do seu jardim.
Acompanha o diálogo do poeta com o jornalista.

Diurnarius: Salve! Quid pulchri facis?

Vergilius: Salve tu quoque! Ecce rerum natura quae tibi
aridet cum suis floribus suis aviculis...

Diurnarius: Oh, quam pulchra salutatio! Gratias!
Amasne naturam?

Vergilius: Plurimum! Specta: holera etiam domi colo.
Sum vir bucolicus! Praeterea... in bello civili perditum sunt
agri mei... quanta calamitas!

Diurnarius: Sed nunc Maecenate familiarissime
uteris.... (1)

Vergilius: Noli de isto loqui (2)! Est tyrannus! Totum
diem me cogit scribere! Mihi non restat ullum temporis
momentum!

Diurnarius: Et quid nunc scribis?

Vergilius: Aeneidem! Sed non facile fit. Est historia
absurda!

Diurnarius: Tum cur eam scribis?

Vergilius: Quia et Augustus et Maecenas me
laccessunt! Isti egent gloria et splendore! Tantum scribo,
ut mihi desit tempus relegendi! Duodecim libri
expectantur!

Diurnarius: Nonne tibi etiam placet gloria?

Vergilius: Mihi? Mihi sufficiunt parvus ager et nonnullae
arbores! Quid pulchrius?

Diurnarius: Certe, sed gloria Romae...

Vergilius: Gloria! Gloria! At quae est veritas? Augustus
facere voluit pelliculam televisificam haec est veritas!



Notas:

(1) Uteris – v. utor (+ abl.): conviver;
Maecenate familiarissime uteris: convives familiarmente
com Mecenas (= é amigo de Mecenas).

(2) Noli loqui de isto: Não digas isso.

Juvenis, fevereiro, 2004, p.12.